

ANO III N.º 145
24
DE FEVEREIRO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

O que fazem as nossas artistas fóra do teatro?

(Ver nas páginas 8 e 9 uma reportagem indiscreta)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

RUA ESQUECIDA

O Sol apenas a vê de manhã. Depois foge dali, vai iluminar os prédios bonitos das outras ruas que a rodeiam — e deixa-a na sombra, abandonada, esquecida...

Tudo aquilo era um lamaçal imenso, pútrido, quando os homens se lembraram de abrir ali uma rua. Seria de grande utilidade para os sítios vizinhos. Um bom negócio. Assim, não teriam mais de dar voltas grandes para tratar da sua vida. A rua levá-los-ia ao mundo.

E numa certa manhã outonal, em que a brisa balouçava levemente as fôlhas tenras da única árvore das redondezas, chegou um bando de homens. Depois vieram carroças, mais homens, mais carroças — e, aos poucos, descalços e mal vestidos, trazendo picaretas e faldas obscenas.

As vezes, os homens mal vestidos conversavam. E deitavam contas à o lamaçal foi deixando de existir.

E falavam da rua nova, que ia ser uma «coisa formidável» — com prédios modernos, altos, de janelas variegadas, com um jardimzinho ao fundo, com pedras nos passeios e alcatroado no centro. E os homens riam-se, fantasiando o que sucederia se pudessem vir viver para ali...

Mas, no meio das conversas, surgia sempre uma voz dura que chamava nomes feios aos homens. E este imediatamente deixavam de falar. O trabalho recomeçava, pondo vincos nas mãos e suor nos rostos...

A rua nova levou algum tempo a construir. E os vizinhos vinham ver o esforço dos operários e a beleza da rua. Era a melhor daqueles sítios — muito superior a todas as outras.

Os vizinhos tinham inveja — alguns pensaram logo em mudar-se para ali...

E levantaram-se prédios e alcatroou-se o pavimento e arranjou-se o jardimzinho.

Como tinham chegado — assim os homens mal vestidos e descalços desapareceram dali. Foram para outros sítios, desfazer lamaçais e construir ruas, erguer prédios e abrir jardins — trocando sonhos imperfeitos, enquanto a voz do capataz não os chamasse ao trabalho.

A rua encheu-se de gente. Vinham todos à procura do negócio. E o negócio foi grande, imenso. Aquela rua — era a única nos arredores. Ligava a cidade velha à cidade nova. Tudo passava por ali. Era o pórtico das duas cidades.

E quando o sol despontava para lá dos horizontes — a rua nova iluminava-se e parecia a rua mais feliz do mundo.

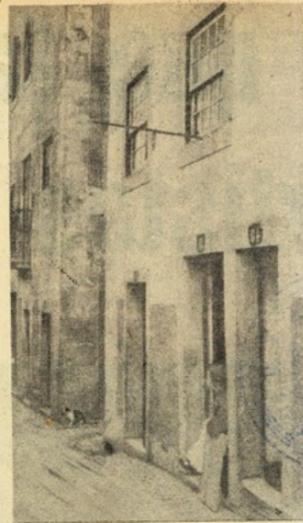
Mas, um dia, os homens compreenderam que a cidade era pequena. Sentiram a necessidade de abrir mais ruas. E deram ordens para isso...

Durante dias, semanas, meses, soaram as picaretas e os martelos e as pás e as carroças e as imprecações e as ameaças e as súplicas — tudo que valia trabalho.

Uma vez, aquela rua ficou na sombra. A sua volta tinham-se construído outras ruas, com prédios mais altos e mais bonitos, que lhe roubavam o sol. Roubavam-lhe o sol e o negócio. E os homens abandonaram-na, desprezaram-na.

Ficou por detrás das outras, muito escondida, ignorada dos que passam nas Avenidas.

Esta é a história duma rua esquecida... GENTIL MARQUES



FOI ali, naquela casinha pequena e triste da célebre rua do Capelão, que o fado popular nasceu na voz castiça dessa menina e mulher que se chamou Maria Severa...

Figura de lenda e de realidade — a Severa tem tido à sua volta todo um cortejo de curiosidade e de admiração. A sua figura anda por aí espalhada no pensamento de quantos adoram o fado — e eles são tantos!

Já alguém afirmou que Lisboa era a capital do fado, assim como Paris é a cidade do prazer e Roma a metrópole das recordações.

E foi afinal a Severa, essa rapariga pálida, de olhos profundos e de lábios provocantes, que trazia no sangue a dolência da própria raça — quem atirou para a popularidade a canção melancólica e sentimental das paixões humanas.

Sim, o fado nasceu ali, naquela casinha pequena e triste da rua do Capelão. E nasceu, também, na taberna da Rosária dos óculos — onde a Severa ia esconder os seus segredos de andar com o Conde de Vimioso. E nasceu ainda nos quatro cantos da cidade, sempre que havia uma guitarra e uma dor no peito.

Depois — passado a idolatria triunfante da Severa, da Custódia e da Cesária — o fado, como tudo na vida, vendeu-se ao dinheiro e à política. E durante tempos, a canção serviu de estribilho para aqueles que queriam atacar o poder:

Chorai, comilões, chorai,
Que a tal fusão já morreu,
Cruelmente assassinada
Pelo Bispo de Viseu!

Contudo, de novo se abriu um caminho diferente ao fado: surgiu um cantador, Caetano Calcinhas, e um guitarrista, João Maria dos Anjos — que o trouxeram até às salas finas e às reuniões da sociedade elegante. Da guitarra de João Maria dos Anjos, dizia-se que brotavam notas tão meigas como os beijos das deusas.

E vieram novos nomes, novos ídolos: a Maria José, a «Borboleta», o Ribeirinho, o Octávio Vecchi e muitos outros — enquanto o fado continuava os degraus da sua ascensão doirada.

Mas a vaidade — é a grande desgraça do mundo. E, aos poucos, à

O FADO NASCEU ALI...

medida que ia conquistando riqueza, o fado perdia as suas características tão simples e tão sinceras de canção do povo.

Cada um é para o que nasce — diz a letra duma velha canção, e é bem verdade. O fado é para a rua, e não para os salões. Quando vestiram casaca e se alindaram ao espelho — os fadistas deixaram de pertencer à rua.

E o fado entrou em declínio, falsificado, sujo, hipócrita, choramingão e bolorento...

Chorai, fadistas, chorai. É certo que ainda há uma Hermínia, uma Amália Rodrigues, uma Berta Cardoso e algumas outras — que estão a fazer voltar o fado ao seu destino de sempre.

Mas o fado verdadeiro, sentido, vivido, não mais voltará. Pode-se mesmo dizer: ele nasceu ali, naquela casinha triste e pequena da rua do Capelão — e ali morreu!

ECOS DO ENTRUDO
RAMALHO ORTIÇÃO, D. JOÃO DA CÂMARA
E
GUALDINO GOMES "VÍTIMAS" DE AUGUSTO GIL...

Encontrámos entre as fôlhas duma revista velha, uns versos espirituosos que nos prenderam a atenção e nos fizeram sorrir com vontade. Eram versos de Entrudo — mas quando o Entrudo lisboeta tinha graça. Hoje, tudo se resume em macaqueio, em tédio, em asco e vergonha. Pode, acaso, chamar-se Entrudo ou Carnaval a essas cenas tristes, pobres, miseráveis mesmo — a que assistimos nos últimos anos e em que uns sujeitos remendados a cair de bêbados, vomitam obscenidade sem conta, nem peso, nem medida? Acaso se pode apontar como balles de Carnaval — essas festarolas sensaboronas, onde toda a gente anda com ar aborrecido — um ar de quem faz favor por estar presente?

Ah, não! Temos de concordar que tudo morreu. E, afinal, para quê mais diversões e mais alegria — se todos os dias os jornais trazem colunas cheias de mortos e de feridos, de cidades arrasadas e de barcos afundados?

Resta-nos apenas recordar o passado — os ecos desse Entrudo que tinha graça e espírito, que era alegre e sincero.

Por isso mesmo, as fôlhas da revista velha tiveram para nós um sabor de descoberta. Descobrimos ali, entre outras, as figuras tão populares de Ramalho Ortigão, de D. João da Câmara e de Gualdino Gomes — observadas e comentadas pela maliciosa musa de Augusto Gil. O poeta escolheu bem as suas três «vítimas» — para esse número de Entrudo. E se se escolheu bem — melhor as soube caricaturar.

Senão, vejamos: a respeito de D. João da Câmara, glória e ternura do teatro português, Augusto Gil traça esta gazetilha cheia de irónica verdade:

Senão, vejamos: a respeito de D. João da Câmara, glória e ternura do teatro português, Augusto Gil traça esta gazetilha cheia de irónica verdade:

Senão, vejamos: a respeito de D. João da Câmara, glória e ternura do teatro português, Augusto Gil traça esta gazetilha cheia de irónica verdade:

Senão, vejamos: a respeito de D. João da Câmara, glória e ternura do teatro português, Augusto Gil traça esta gazetilha cheia de irónica verdade:

Senão, vejamos: a respeito de D. João da Câmara, glória e ternura do teatro português, Augusto Gil traça esta gazetilha cheia de irónica verdade:

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

NÃO há lugares nos carros eléctricos. Censura-se os homens que, antes das paragens, apanham os carros em andamento em prejuízo das senhoras que não se podem dar a esses exercícios. Todavia ninguém se preocupa com o caso estranho de ver os polícias fazerem o mesmo que esses senhores apressados e incorrectos. Não seria delicioso que o exemplo partisse da própria autoridade?

ANTÓNIO CARDOSO — Rua Alexandre Herculano, 41.

Ainda a propósito das cartas de V. Ex.ª tem publicado, sobre os «estímulo» contratadores, venho hoje contar um caso que se passou comigo.

Quando a opereta «A Costureirinha da Sé» esteve em cena, no Teatro Maria Vitória, dirigi-me num domingo, pelas 13.30 horas, pouco mais ou menos, à bilheteira do referido Teatro para comprar 3 lugares na 1.ª fila e para a 2.ª sessão desse dia. Conforme eu já calculava, foi-me respondido pelo respectivo empregado que só os havia na 5.ª ou 6.ª fila, não me recordo bem. Como tivesse grande interesse numa 1.ª fila dirigi-me a um contratador que próximo estacionava e que momentos antes me tinha oferecido os seus «prémios». Foi imediatamente servido no que pretendia. Porém, quando acabava de dar al-

guns passos para me retirar, notei que alguém me chamava e, virando-me, encarei com o citado contratador que me vinha pedir desculpa, porque eu desejava bilhetes para a 2.ª sessão e ele tinha-me vendido, por engano, para a 1.ª, acrescentando logo que para a sessão que eu queria só tinha na 2.ª fila. Como eu insistisse pela 1.ª fila, pediu-me para esperar um momento e, a correr, dirigiu-se à bilheteira trazendo-me em seguida os lugares que eu tanto ambicionava e havia pouco tempo me tinham sido negados.

Por aqui se verifica, que são os próprios empregados das bilheteiras que têm mais interesse em vender os bilhetes aos contratadores, do que aos espectadores.

MANUEL DA SILVA MATHEUS — Rua C à Rua Lopes, N.º 13, 2.º, E. — Lisboa

No pavimento inferior da «gare» do Rossio, existe junto dos cartazes-horários um outro cartaz impresso, indicativo da hora a que começam a ser vendidos os bilhetes para os combóios de longo curso. Pois, sr. Director, basta que diga a V. que as indicações relativas ao Lusitânia-Expresso, combóio de luxo, estão redigidas a lápis! Riquíssima amostra de bom turismo como é deve ser compreendido!

No mesmo cartaz, indica-se a partida do combóio n.º 17 às 21.18 quando, de facto, aquêlé trém parte às 22.28. Todo o cartaz apresenta razuras e emendas, feitas consoante as necessidades, a tinta ou a lápis, tornando-o documento impróprio de ser afixado em local público e, sobretudo, na «gare» principal da capital do Império. Que bela sala de visitas!

PEDRO VITOR — Barreiro,

HOMENS DE AMANHÃ



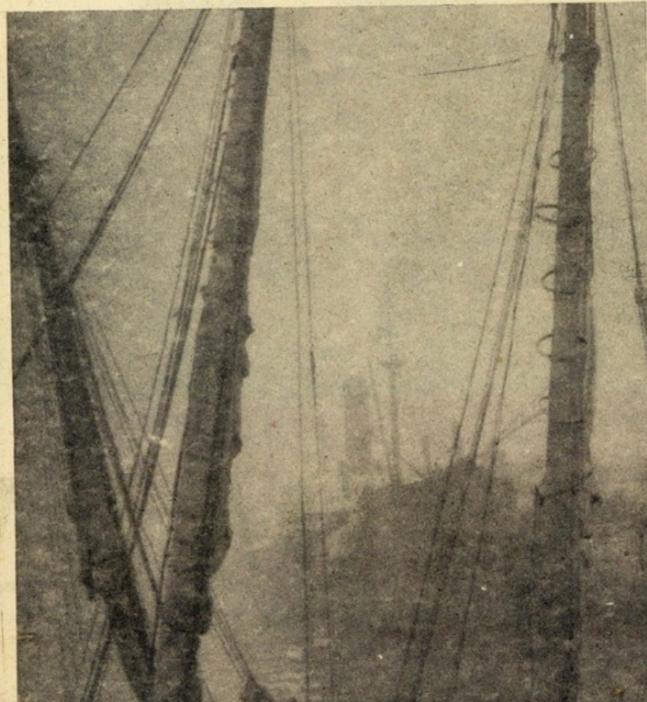
HOMENS — e mulheres. Gente miúda que mede apenas dois palmos e mal abre os lábios num sorriso ou num suspiro — pequeninos cidadãos que bão-de fazer o futuro da nação — quantos grandes homens não estarão representados neste friso gracioso e expressivo, fixado pela objectiva de Seródio?

O futuro pertence-lhes, como é deles esta última cidade que o Tejo mansamente vai banhando...

A vida chama-os e nalguns deles há curiosidade perante o apêlo. Outros, porém, parecem indiferentes, como se pertencessem a outro reino dos céus, enquanto que ainda outros olham com mágoa ou pensativamente o seu caminho de homens de amanhã...

E, agora, digam-nos sinceramente: não têm saudades dos tempos em que o Entrudo era assim?

NEVOEIRO SOBRE O TEJO



A geometria da Europa

A Europa é um continente. E é também um mapa. Um mapa é uma folha de papel, na expressão irremediável com que se desdobra perante nós, oferecendo-se a todos os raciocínios e as tôdas as considerações, com a sua geometria perfeitamente desenhada aos nossos olhos. Dentro do quadro actual da guerra, a visão do mapa permite-nos certas apreciações, ao ver-se o velho continente, na sua expressão de certo modo triangular, a devorar-se na fogueira insaciável da guerra. O pormenor curioso está na posição geográfica das zonas de neutralidade. Sem se perder de vista a concepção de que a forma do continente se aproxima do triângulo, não deixa de ser oportuno verificar que essas zonas correspondem, precisamente, aos três vértices do triângulo: a Suécia, ao norte; a Turquia, a oriente; Espanha e Portugal a ocidente. O outro país neutro, a Suíça, não figura nas pontas do triângulo, mas precisamente no centro geométrico da Europa.

Poderá admitir-se que tenha sido por simples conjuntura do acaso que tudo se tenha proporcionado em tais termos? É difícil de crer. Os três vértices são as portas de comunicação de um mundo que não deseja sentir-se asfixiado, isolado do resto do mundo — a que se pode chamar o outro mundo. É a porta aberta, a certeza de uma comunicação, a hipótese de receber ou de expedir mercadorias de que careça ou que tenha a mais, o lugar por onde pode entrar ou sair emissário portador de novas ou mandados. E a única possibilidade, que permanece, de se obterem informações indispensáveis, para que a luta se não trave às cegas. A guerra, com efeito, faz-se na frente de batalha, mas faz-se também, mesmo quando se quebraram os elos diplomáticos, por detrás dos reposteiros discretos das chancelarias. A dois passos da linha de combate, onde se pode ouvir o próprio clamor dos cânhões, o Vaticano é outra zona neutra, apesar das sentinelas beligerantes que lhe vigiam as entradas e saídas.

A história recente da guerra de 1914-18 mostra-nos bem como, mesmo durante as fases mais cruentas da guerra, sempre os países nela empenhados como inimigos mantiveram contactos tão discretos como permanentes. Alguns casos deste estilo ficaram célebres. Eles são, por isso mesmo, bastante significativos e valiosos como elemento esclarecedor do que valem, para os beligerantes, as zonas de neutralidade...

J. R. S.

ESTADOS UNIDOS

UM NEGRO NO EXÉRCITO AMERICANO

O tempo dilui preconceitos e strios. Aquilo que a razão repudiava, veste-se de tintas de indiferença. É assim que, nos Estados Unidos, os mal-entendidos rancios tendem a desaparecer. Hoje, os homens de cor ocupam nos Estados Unidos lugares de tanta popularidade e responsabilidade, como qualquer outro cidadão livre da livre América. Na rádio, no cinema, no teatro, no desporto, na aviação e no exército, os homens de cor sobem todos os degraus que o seu talento atinja. Entre tantos, aqui temos Benjamin O. Davis — o único general de cor, do exército norte-americano que ocupa, actualmente, um lugar de responsabilidade no comando das tropas estacionadas na Grã-Bretanha.

O general Davis entrou, em 1898, para o exército, tendo tomado parte na guerra hispano-americana e na última Grande Guerra. Um dos seus filhos seguiu o exemplo do pai e é hoje tenente-coronel de aviação.



Il Popolo di Sicilia

Romano discorso del Duce alla Camera
Combattere fino alla Vittoria
la volontà del popolo italiano

e forze dell'Asse
slogano terreno in Tunisia



Un diabolico responsabile della guerra

ITÁLIA

Um incidente jornalístico

Já não é de agora a notícia. Sabia-se que, antes mesmo da reunião do Grande Conselho Fascista, em que o voto de confiança foi retirado a Mussolini, já este sofria os remos do povo e da Imprensa. Começara a luta — as picadas de alfinete — com a perda da Líbia e, depois, com a ocupação aliada da Sicília. Os ataques «inocentes» e indirectos sucediam-se. E, assim, em 2 de Dezembro de 1942, quando os jornais apareciam com enormes títulos, reproduzindo o dramático discurso do «Duce» na Câmara, o «Popolo da Sicília» publicou as palavras de Mussolini, com um título a toda a largura da primeira página: «Combater até ao fim da vitória é a vontade do povo italiano». Ao centro da página, um grande retrato do «Duce» e, por baixo, estes dizeres: «Um responsável diabólico».

A primeira vista, dir-se-ia que o jornal acusava Mussolini de ser o responsável das desgraças dos italianos. Por isso a edição foi apreendida e o jornal foi confiscado. Mas, por fim, veio a compreender-se a «inocência» do jornal: aquêles dizeres, por baixo da foto, não se referiam a Mussolini, mas a um artigo colocado por baixo do retrato do «Duce», e em que se acusava Roosevelt de «responsável diabólico»...

A foto junta, que nos dá uma reprodução da página do «Il Popolo di Sicilia», elucida-nos em absoluto sobre esse *qui-pro-quo* engenhoso mas também de certo escândalo nos meios políticos, a propósito do último discurso dirigido pelo «Duce» à nação, em condições dramáticas e infelizes: a divulgação desse discurso precipitou os acontecimentos — e, também, a queda do chefe supremo do fascismo.

SUÉCIA

UM PARTO a bordo de um avião militar

A guerra não cria só ódios e desorganização. Os homens, endurecidos na luta como feras, ainda têm reacções humanitárias e sentimentais. A prova-lo, ai temos a história que nos conta um parto ocorrido a bordo de um avião militar.

Eis como as coisas se passaram: De uma daquelas pequenas e inúmeras ilhas que se estendem ao longo do litoral da Suécia, uma família lançou um S. O. S. para o Dr. Oswald Lagergren, médico de Göteborg. Pelo telefone, diziam-lhe que era preciso salvar duas vidas: a da mãe e a da criança que estava para nascer. Se o médico não intervisse imediatamente, o caso considerava-se perdido. Simplesmente, para que o aflito médico pudesse intervir — era preciso vencer a distância líquida que o separava do local rondado pela morte. E para vencer a distância — era preciso ter meio de transporte, numa altura em que uma tremenda tempestade varria a costa da Suécia. Um barco, de modo algum se atreveria a tentar uma viagem que de antemão todos sabiam não poder ser levada a cabo.

O Dr. Oswald Lagergren dirigiu-se, então, às autoridades militares, expôs-lhes os factos e pediu a sua intervenção. Imediatamente, foi posto à disposição do médico um hidro-avião que se pôs ao caminho, indo pousar no pequeno ancoradouro de que a ilha dispunha.

O Dr. Lagergren mete a senhora no avião, manda seguir a toda a pressa para Göteborg afim de hospitalizar a doente — mas, o caso complica-se. Mesmo ali, é preciso intervir... E quando o aparelho aterrou — a tripulação tinha aumentado: uma mulher, que por certo virá a ser mãe, acabou de nascer, mostrando excelentes disposições de vida longa...

O nosso prezado colega Churchill...

mem de Imprensa correu parelha com o guerreiro que brandiu a espada e se atirou de pistola em riste, em hoques armados, na América, na Ásia e na África. Correspondente de guerra e colaborador assíduo dos jornais londrinos, o jovem oficial de cavalaria colheu, nesse outro campo de luta, louros iguais aos troféus arrebatados nas escaramuças de Cuba ou nas cargas da batalha do Sudão. Nos instantes de dificuldades financeiras, a pena serviu-lhe tanto ou mais do que a espada. Na pandôlia do herói que mudou de cenário de acção, a pluma do jornalista figurará num lugar de relevo, entre as suas armas de combate e de glória.

este uma resistência férrea uma extraordinária sagacidade. Churchill tem, portanto, a quem sair. Estudou em Harrow, mas por vontade de seu avô, vice-rei da Irlanda, e de seu pai, Randolph Churchill (político fracassado, também por excesso de temperamento, da época vitoriana) não foi a Oxford, nem a Cambridge, universidades dos aristocratas. Entrou no colégio de Sandhurst para abraçar a carreira das armas. Mas — coisa possível só em Inglaterra — seguiu-a, dedicando-se simultaneamente ao jornalismo e à política.

Hoje, na cena política mundial, Winston Churchill é uma grande vedeta. A sua popularidade não tem fronteiras nem conhece o caso. Mas, mais exactamente do que um «old man», é um «nosso prezado colega». Foi na Imprensa, na ânsia de indagar, observar, agir, prever e adivinhar, que ele aprendeu a colossal lição que o contacto directo com o tumulto da vida dá aos jornalistas. Gladstone era um velho completo, barbado, tipo clássico do avôzinho de gravura antiga. Churchill é um velho com rosto de criança, fisionomia «baby», dois olhos pequeninos e irrequietos, brilhantes, perscrutando a alma das pessoas, enxergando num só golpe os seus defeitos e qualidades. Um «old man» não viaja de avião e de automóvel, realizando proezas sensacionais na véspera das suas selentas risonhas primaveraes...

Churchill é um grande homem, porque continua a ser um grande jornalista — repórter que se esconde atrás do acontecimento para apenas ficar a sua figura profundamente humana, de homem gordo, mãos grandes e gestos bruscos. A sua vida não tem nenhum desses «back-grounds» tão próximos aos grandes políticos, a esses grandes actores da cena mundial. Não nos dá a ideia do grande senhor que comprou o bilhete de ingresso na posteridade. É sempre o repórter, curioso e inquieto, que sabe debruçar-se sobre o abismo da tragédia sem se dei-



xar dominar por vertigens. Foi a lição da vida dos jornais que lhe deu ânimo para poder carregar, em plena zona de tempestade, com um enorme pedaço do mundo nas costas, sem revelar cansaço ou fraqueza. Foi a reportagem quotidiana que lhe deu o verdadeiro elixir da «longa vida». Por isso, apesar de não tirar o seu «whisky» nem repudiar o seu charuto, há quasi meio século, Churchill sente-se cada vez mais duzentos por cento ótimo.

O mais humilde repórter da Europa, da América, da Ásia, da África e da Oceania pode fazer gala no seu parentesco profissional com o actual poderosíssimo primeiro ministro da Grã-Bretanha, que após a máquina aero-militar de Hitler a fortaleza do seu peito. Ele continua a ser o nosso prezado colega Churchill...

AUGUSTO FRAGA



Há uma carinhosa expressão de simpatia, nos ingleses, para definir Winston Spencer Churchill — o «old man» — expressão que no século passado fora largamente utilizada para outro velho famoso: Gladstone. Todavia, é uma expressão ceseira, para uso interno, sem outros horizontes que não sejam os horizontes neventos da grande ilha britânica. Outra há, porém, que lhe dá maior expansão, porque pertence à glória duma família universal. O nosso prezado colega Churchill. Assim, podemos saudar nesse homem extraordinário o antigo companheiro de Imprensa, que pertenceu e pertence a esta família de pátria sem fronteiras, pois sendo um grande homem nunca deixou de ser um grande jornalista.

O mesmo desejo de êxito e sensacionalismo o trouxe para os jornais, este estuário onde procuram ancorar sonhos, ideais generosos e, do mesmo passo, interesses ou ambições indelétricas. Veio da mesma volúvel raça de argonautas que não têm ponto de partida. Vagueia ou flutua ao sabor das correntes até o instante em que avista, ao longe, o estuário sempre aberto, graças ao desinteresse, à boa-fé e ao romantismo profissional da nossa classe. Bateu às portas da Imprensa realmente tangido pelo mistério da vocação.

É um romance apaixonante o da vida de Winston Churchill. Na sua mocidade aventureira e heróica, o ho-

Nascido em 1874, em Dublin, Churchill é, como homem de Estado, ainda jovem. Personalidade complexa em que se misturam, em feliz harmonia, o soldado e o humanista, o administrador e o organizador, o propagandista e o homem de acção, já começou a escrever as suas notas biográficas, que são sempre a melhor fonte quando se quer dar um balanço dos episódios mais marcantes duma vida agitada. Descende do «clano dos Churchill», uma família que, há mais de dois séculos, abastece de dirigentes a Grã-Bretanha. O mais célebre dos seus antepassados foi o Napoleão do 700 inglês, o duque de Malborough, vencedor de cem batalhas, entre as quais as mais memoráveis como Ramillies, Blenheim, Audenard e Malplaquet. Malborough, cuja glória ainda se recorda em Inglaterra numa canção de crianças, derrotou todos os marechais do rei Sol — Marsin, Tallard, Vendôme e Villars — e pôde concluir, vitoriosamente, a guerra de Flandres e a guerra de sucessão de Espanha, provocando a paz de Utrecht, bem vantajosa para a Grã-Bretanha. Discute-se, ainda, se foi ou não o maior estrategista do seu tempo. No entanto, só teve dois rivais: Guillermo de Orange e o príncipe Eugénio de Sabóia. Espírito inquieto como o seu bisneto, legou a

ALEMANHA

A ALEMANHA TEM UMA NOVA CAPITAL

BERLIM, que era uma das mais lindas cidades europeias, não passa hoje de um monte de ruínas calcinadas pelas labaredas dos gigantescos incêndios que impiedosamente os aviões britânicos e americanos ateiam com os seus potentes engenhos de guerra. Da famosa e monumental cidade, orgulho da nação alemã, pouco mais resta que um ou outro edifício ainda inteiro e um ou outro quartelão de casas arrabalda-das ainda não atingidas pela fúria impetuosa e destruidora de um adversário que se não cansa e que cada vez parece mais empenhado em devastar a velha capital da Alemanha.

Verdadeiramente, em face das terribes destruições e da ameaça constante das poderosas Fortalezas Voadores e dos «Mosquitos», Berlim não é já, senão simbolicamente, a capital do Reich. Esta foi transferida efectivamente para Breslau, onde, segundo informações de diversas procedências, estão agora a funcionar os serviços oficiais e ministeriais.

Breslau, a cidade das igrejas e das pontes, está situada a 235 quilómetros de Berlim e conta ou, melhor contava antes da guerra, 617.000 habitantes. É uma das cidades mais características da Alemanha, situada nas margens do Oder que lhe imprime beleza e que é um dos seus elementos essenciais de vida. Antiga capital da Silésia, o seu movimento comercial e industrial é importantíssimo devido, em grande parte, à sua situação numa planície fértil e à riqueza industrial da famosa bacia da Silésia. Valiosíssimas são as suas indústrias de fundição, de material de caminho de ferro e de maquinaria diversa, assim como eram famosos os seus mercados de cereais e de lã, este criado na Idade Média e o mais importante da Alemanha.

Breslau que parece ter sido fundada no século X pelos polacos, chamava-se outrora Wratislawa e pertencia com a Silésia ao reino da Poló-

nia da qual se separou em 1163, passando a capital do ducado da Silésia, até que foi conquistada pela Bóemia, que a perdeu mais tarde, ficando sob a dependência da casa imperial do Luxemburgo. Em 1527 caiu em poder da casa de Austria, até que, em 1742, Frederico, o Grande, a arrebatou definitivamente a Maria Tereza, integrando-a na Prússia.

Breslau tem padecido através da história os flagelos terríveis da guerra. Devastada pelos mongóis no século XIII, foi mais tarde teatro de lutas terríveis, as sangrentas lutas religiosas que dilaceraram a Alemanha as guerras dos husitas e dos Trinta Anos. Durante as guerras napoleónicas esteve ocupada pelos franceses de 1807 e 1813 e foi naquela capital da Silésia que neste último ano

se reuniu a juventude do reino da Prússia para iniciar a guerra da independência contra as águias napoleónicas que as neves e as armadilhas da Rússia tinham quasi depe-nado.

Breslau divide-se em Cidade Velha e Cidade Nova. As antigas muralhas que a rodeavam foram substituídas por formosos passeios, tais como Zwingergarten e Liebhichshöle. As suas ruas medievais e os seus palácios sumptuosos imprimem-lhe um ar encantador. O passado glorioso e o espírito moderno formaram uma aliança ideal. Pode dizer-se que quem conhece Breslau conhece a Silésia. No centro da cidade fica a Câmara Municipal, do século XIV, um mimo de arte em estilo gótico com pinturas murais e a cave antiga de Schweid-

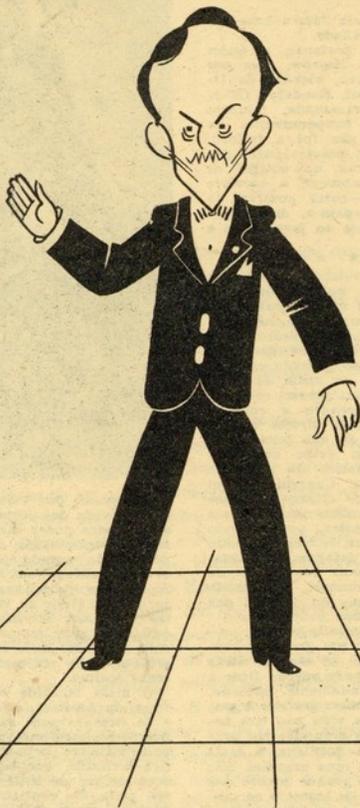
nitz restaurante famoso onde, antes da guerra, reinavam a alegria e o espírito regional. Nas proximidades, no Dominsel, a catedral do século XII eleva as suas belas torres para o céu, sendo também notáveis a bela igreja de Santa Maria e o vasto templo de Santa Maria. Entre os magníficos edifícios barrocos conta-se a Igreja de S. Mateus, considerada, no seu título, a mais bela obra da Silésia, o Glimnário de Mathieu e a Universidade que encerra 300.000 volumes e 4.000 manuscritos. O velho bairro de Weissgerbers-Ohle serviu de cenário a um belo romance — «Soll und Haben», de G. Freytag.

A antiga capital do reino da Silésia é uma cidade de arte. Os seus museus sumptuosos conservam tesouros tão valiosos pelo seu valor como pela sua antiguidade. Alguns destes foram subtraídos à acção devastadora da guerra mas outros lá estão sujeitos às trágicas contingências dos dias sombrios que decorrem. Antes da guerra a vida artística e musical era intensa a ópera franqueava-se ao grande mundo e os teatros gozavam de fama pelos magníficos espectáculos que nêles se realizavam. Hoje tudo é diferente. O ambiente literário que então se gozava e em cujas tertúllas pontificavam alguns dos mais notáveis homens de letras da Alemanha, nomeadamente os poetas Paulo Keller, Will Erich Penkert e Arnold Vltz, quasi desapareceu. Grande número de homens de letras foram mobilizados e outros recolheram-se à meditação triste que sugerem as perspectivas negras que se enxergam no horizonte caliginoso. Breslau foi pátria do matemático Wolfe e do célebre pintor Lessing.

É nos seus palácios patricios, onde se respira ainda um vago perfume de fausto e de grandeza, que começaram a instalar-se os prosaicos serviços oficiais que regem a Alemanha. Da capital do ducado da Silésia, Breslau passou a ser agora a capital do grande Reich.



O antigo palácio real de Breslau



UM HOMEM... E PÊRA

QUANDO vejo Armando de Lucena, ou, com mais amplitude, sempre que vejo um homem de barbas — seja de barba à Tolstoi, seja de barba à Mefistofeles — me lembro daquele respeitável filósofo a quem perguntaram, um dia, a razão por que usava barbas. O filósofo não hesitou um segundo na resposta:

— É para não me conhecerem, meu caro senhor!

Não sei se é por este motivo que Armando de Lucena usa barba. Se é, faliu a cartada. Todos o conhecem. Mais ainda: aquela barbicha que muitos faunos invejariam, caracteriza-o. Do Armando de Lucena, pintor, professor, escritor, conferencista, homem de muitas artes e ciências, está tudo dito. Da sua pêra, ainda que gloriosa, pela primeira vez se fala — e essa honra capilar qui-la para mim. À pêra francesa, à pêra parda, à pêra carapinha — acrescentarei uma nova qualidade: a pêra Lucena. Os apreciadores e, sobretudo, as apreciadoras de tal fruta terão ali a autêntica especialidade de pêra pérola...

À maneira de RAMIRO GUEDES DE CAMPOS OS CAFÉS DE LISBOA

Nas mesas bicudas
Chávenas bicudas,
Em curvas bicudas
Sobe no ar o fumo,
Levantam-se a prumo
Seguindo seu rumo.

Em volta das mesas
Cabeças bicudas
De calvas bicudas,
Barrigas obesas.

E pelas sombras mudas
Do negro «parquet»
Alastram bicudas
Nódoas de café...

E tal como o fumo,
Sem norte e sem rumo,
Em densas espiras,
Saem bicudas
Das bocas bicudas
Bicudas mentiras!

Os gatos mobilizados

EM Inglaterra foram mobilizados — mobilizados, é o termo — nada mais, nada menos que 10.000 gatos, destinados a proteger, contra as investidas dos exércitos de Radilaus, as largas provisões de gêneros armazenados em vários locais das ilhas britânicas. A guerra, na sua cada vez maior irradiação tentacular, não poupa ninguém — nem coisa alguma. Depois dos cavalos e dos cães, coube-agora a vez aos gatos de desempenharem na guerra o seu papel de soldados.

O gato, ao contrário do cão, é um animal interesseiro, bastante egoísta, partidário da comodidade e do conforto, e esta circunstância faz-nos perguntar como encarará êle a nova situação militar que o govêrno inglês se permite a autoritária liberdade de querer impor-lhe. O gato não será um animal tímido — mas é, de certo modo, um animal covarde. Só luta quando não pode fugir. Bem sei que a missão que lhe cabe na sombra dos armazéns britânicos é mais defensiva do que ofensiva. Além disso, proporciona ao eterno inimigo do rato o excelso prazer da caça. Mas o gato não gosta de imposições — e é-lhe feita uma imposição. O gato é um espírito liberal — e impõem-lhe agora uma coleira. Como reagirá êle? O que dirá êle? Noutros tempos, os animais falavam. Desde que se tornaram filósofos, calaram-se. Não sabemos, por isso, eloqüentemente, o que pensarão os gatos ingleses da medida que acaba de atingi-los. Mas, apesar de tudo, bem possível é que Churchill, apelando para o patriotismo do gato britânico, encontre nêle um valoroso auxiliar. Uma coisa o gato recusará sempre: a Ordem do Banho.



O MENINO DA RÁDIO



Todos sabem já, mais ou menos, quem é a «Menina da Rádio»: o que de certo muito pouca gente sabe ainda é quem é o «Menino da Rádio». Vão sabê-lo, ansiosas criaturas. O «Menino da Rádio» — íamos a escrever o «Menino bonito da Rádio» — é, nem mais nem menos, que um episódio da vida do nosso querido João Bastos que a Arte do cinema parece ter arrancado denodadamente à Arte do teatro. O argumento do novo filme é de Félix Bermudes — ou, como o filme não será sonoro, talvez seja melhor dizer de Félix Bermudes...

recemos êste pequeno ramo de flores — de retórica:

Ama a tua profissão.
Nunca te julgues mestra.
Aceita todos os papéis que te derem, porque só há maus papéis para os maus artistas.
Não intrigues.
Lembra-te sempre que as rosas que te mandarem, murcham depressa.
Não digas mal dos teus colegas.
Quando sentires necessidade de dizer mal de alguém, diz mal de ti própria...

CAÇADAS



Segundo noticia-ram os jornais, o sr. dr. Mário de Figueiredo, que é um caçador exímio, inaugurou recentemente na tapada do Convento de Maria, uma nova série de caçadas. A propósito de caçadas damos hoje a notícia de que o ilustre escritor Cardoso Maria vai organizar uma nova caçada às «gralhas» de que são férteis os nossos jornais e revistas. Cardoso Maria é, neste capítulo, um autêntico mestre. O seu tiro certo tem já abateido centenas delas que o feliz atirador — excelente «gourmet» — depois saboreia com mêlho de vilão, segundo uma gramatical receita do dr. Rebelo Gonçalves...

ESTRELA NASCENTE



A pequena actriz Maria José — que Satanela encaminhou nos seus primeiros passos teatrais — surgiu, há há dias, com a sua desenhadura, os seus olhos vivos, o seu narizito arrebitado e o seu ar de «estrela» nascente no palco do «Maria Vitória». Qualidades não lhe faltam. Daqui lhe ofe-

Quantos parafusos

TEM
UM AUTOMÓVEL?

É capaz de responder a esta pergunta? Veja bem... A nós parece-nos que será um pouco difícil, talvez mesmo muito difícil.

Mas um jornal de assuntos automobilísticos lançou este inquérito e conseguiu apurar-se a resposta certa.

Um automóvel possui «apenas» a bagatela de 2.600 parafusos estritamente necessários para a construção dum carro moderno, perfazendo assim cerca de 2,5 % do peso total do automóvel.

OS URSOS gostam de mel!

Estão gostando tanto, tanto, que nos centros de agricultura das Montanhas Rochosas tem sido uma constante inquietação por causa dos ataques perigosos e assíduos dos ursos das vizinhanças.

E o caso agravou-se mesmo, a tal ponto, que foi necessário recorrer a medidas excepcionais para deter a invasão dos ursos às colmeias.

Assim, presentemente, todas essas colmeias são rodeadas de pesadíssimos cabos de electricidade.

E os ursos — coitados! — pagam bem cara a gulodice do mel...

ESTE É O POEMA DAS MÃOS QUE TRABALHAM!

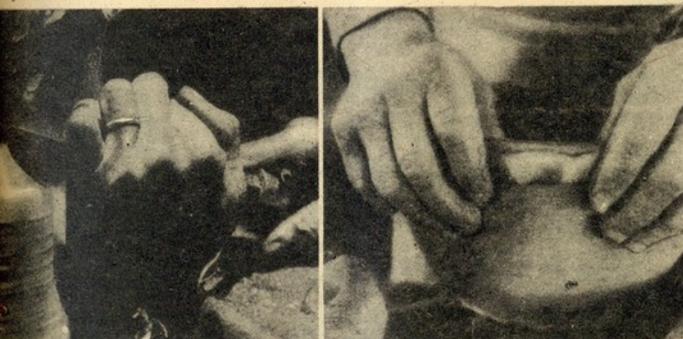
Repara na expressão destas mãos. Elas falam por si próprias. Para que juntar palavras banais, já tão gastas? Basta que as olhemos — e veremos como elas, as mãos dos artífices, significam o bino da glorificação do trabalho. E veremos como os pequenos, os humildes são, hoje como sempre, os construtores do mundo e da vida...

Mãos benditas — as mãos que trabalham!



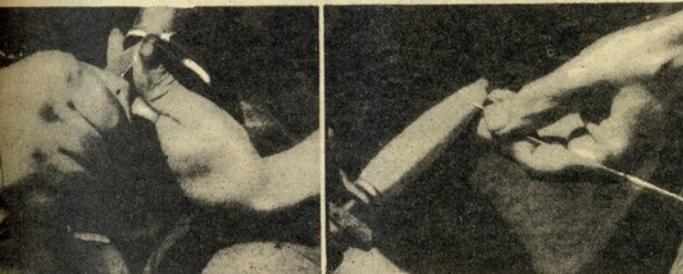
O ceifeiro

O vimeiro



O torneiro

O oleiro



O sapateiro

O tecelão

COCKTAIL

UMA ESCOLA PARA VIUVAS...

ISTO passa-se na Índia distante e milenária. As mulheres não têm direito a escolher marido. Ficam noivas, ainda mesmo na infância, e consideram-se viúvas se por acaso o noivo — que nem sequer conhecem, muitas vezes — morrer antes do casamento...

E, portanto, essas viúvas vêm-se numa situação delicada e dolorosa. Se perderem o marido, depois de casadas, vão para a fogueira, onde arde o cadáver do ex-esposo...

Se os noivos desaparecem da vida, durante o noivado — elas ficam à margem da sociedade, condenadas à tonsura humilhante das bonitas cabeleiras...

Assim, num lógico movimento de renovação de costumes, criou-se agora em Poona a primeira escola para viúvas — *Seva Satam Societés*.

Nessas escolas, as internas recebem comida, roupa e instrução, que lhes permita a possibilidade de ganhos honestos.

E, portanto, as viúvas ficam mulheres, humanas — como todas as outras que as desprezavam até então...



UM CLIENTE Original TIROS DE CANHÃO... COM GALINHAS

O caso tem-se passado em Clape Cod, na América, como não podia deixar de ser!

Na avenida principal de Clape Cod há uma grande casa de refrescos, com uma bonita porta rotativa.

Pois todos os dias, aí por volta das cinco horas da tarde, aparece na casa de refrescos um freguês bastante original. Trata-se, nada mais nem menos, do que... um cão, um autêntico «Street dodge».

Ele empoleira-se, como qualquer freguês, sobre um dos bancos altos do balcão, junto a uma das máquinas de refrescos, e fica aguardando que o sirvam. Se os criados demoram, o cão demonstra a sua impaciência, latindo em bom tom. Mas se são corteszes para com ele, o «cliente» sorve sôfregamente a bebida deliciosa e, depois, aproxima-se do caixa. Este abre uma bolsinha que o cão traz pendurada ao pescoço e retira a importância da bebida. E todos dizem, na casa de refrescos, que nunca passou por ali freguês de melhores contas...

É esta grande novidade que vem das fábricas Westinghouse Electric, em Pittsburgh: algumas galinhas, electrocutadas, foram metidas num canhão e atiradas contra os vidros dum avião, à velocidade de duzentas milhas por hora.

O esforço dos cientistas por tornar a vida humana mais segura, não tem recuado em sacrificar animais de todas as espécies.

Coube, agora, a vez às galinhas. Quem lhes havia de dizer?

Pois bem: para impedir que se registem desastres devido ao choque de pássaros contra os vidros de protecção dos aviões — as galinhas foram usadas nestas experiências, que tendem a construir «parabrisas» capazes de resistir ao embate dos mais pesados passarões...

E, assim, nos anais da história dos galináceos ficará registado, para sempre, este acontecimento inédito: galinhas que serviram de balas em canhões verdadeiros!

O que

FAZEM AS NOSSAS ARTISTAS FORA DO

TEATRO?

A vida é um grande palco. E nós todos, por consequência, somos, nos ditames caprichosos do destino, comparsas das grandes farsas que a vida nos faz representar. Uns afivelam ao rosto a máscara do cinismo e, sem ponto que leia o papel, representam eternamente a revista que está sempre em cena, com êxito retumbante: «A maneira de iludir o próximo». Outros, com vestimenta de albigibebe ou roupa cara de alfaiate famoso, contracenam na vida lindas operetas, enquanto o dinheiro abunda nos bolsos — e a existência, plena de dores e sofrimentos, seja para eles uma forma de poesia... Mas se o teatro humano que é a vida, tem sempre novos actores — a culpa cabe inteira ao ensaiador. E quem é o ensaiador?

A sociedade. É ela que nos obriga a representar. O sapateiro esconde-se no seu escuro tabique de escada e põe tabuleta a gritar «fulano de tal, artifice de calçado» e o barbeiro, de bata de consultório, que sempre escanhou ventas, envergonha-se de o confessar, e chama-se no cartão de visita, pomposamente, industrial... Depois, desde que se arranhou o fato, o homem inventou a personalidade. Quem dá a personalidade é o alfaiate, com o seu corte impecável e o engraxador com o lustro nas botas.

Claro, no exterior. Mas isso é o que basta. Porque a vida é teatro — e a aparência, isto é, o cenário, a montagem, os efeitos de luz são êxitos que teatralmente se não dispensam...

Bem montado — isto é, bem vestido, o homem faz um papel de galã, quando o cotão lhe abunda nos bolsos. Mas não se dá por vencido. O contra-regra diz-lhe a «deixa», as três pancadas de Mollière, soam, numa hora feliz e, quem sabe? — pela porta da esquerda, tonta e alvoraçada, uma ricaça «coquette», a quem o lustro dos sapatos e o vinco das calças seduziu, entrega-se amorosamente, num final de acto, que é uma apoteose. Da plateia pode alguém patear, indignado. Porquê? que diacho, isto não é teatro, não é vida?

Pois sim; mas o que pateou queria a ricaça para si, com os plenos direitos de actor mais antigo e esquecido de que, no teatro da vida, em sessões permanentes, há sempre «réprises»...

* * *

Se nós representamos — nunca demos conta, verdade seja dita, que os espectáculos fôssem pagos. Naturalmente, assiste

tudo com bilhetes de *claque*. mas os artistas? Sim, aqueles que representam nos dois palcos?

Esses são obrigados, também, a pensar na vida. Descem dum palco — entram noutra. Muita gente supõe que a actriz há-de, por força, ser uma *vamp*, borboleteando entre chás e passagens de modelos. Que não faz mais nada. Sai do teatro onde ganhou a vida, cansada, exausta, para que a plateia se divirta, e pronto, não pensa em mais nada. Pois não é assim.

Geralmente tôdas trabalham, tôdas têm a sua casa, os seus afazeres domésticos. Há muitas que preferem mesmo, em roupa, de lenço na cabeça, fazer o papel de instrutora de criada — porque elas sabem que uma boa dona de casa raras vezes confia nas serviçais. Por isso as acompanham às compras — e sabem quanto custa o aprontar um guisado...

Pequenas coisas que afligem, afinal, as donas de casa. Algumas, de facto, vivem só para o teatro: Brunilde Júdice que não vive senão para os seus papéis, e Maria Lalande, por exemplo, que não tem tempo, nem saúde, para outras preocupações — essas preocupações que não roubam a Maria Clementina e a Eunice Colbert o prazer de confeccionar com apuro esmerado, lambarices e paparicos com que homenageiam as pessoas amigas. Uma actriz francesa — não vem ao caso o seu nome — costumava levar para o teatro uma meada de lã que nos intervalos ia dobando. Disseram que era mania, que era superstição. Afinal, nada disso; era um par de meias que andava a fazer, para o inverno.

A artista de teatro, que tem o seu lar, gosta de alindá-lo, de rodeá-lo de graça, de sedução. Um ramo de rosas numa jarra chega para alegrar o ambiente. Depois, há mil e uma coisas que nunca elas deixam de querer fazer, porque são mulheres e têm que dar satisfação à sua sensibilidade feminina: uns bordados, uns arranjos de roupa, um jeitinho nos «napperons» ou na posição dos móveis tocados pela graça dos seus dedos — tudo, enfim, que a arte e a sensibilidade feminina sabem ela só corrigir — na desarrumação duma casa arrumada por gente estranha...

MANUEL MARTINHO

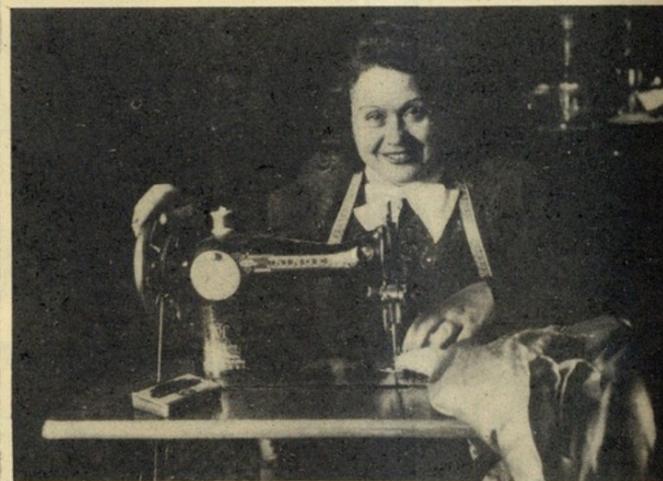
Fotos SERODIO



Georgina Cordeiro todos os dias preside ao arranjo da sua linda casa. Um lenço na cabeça, um avental que qualquer criada ambicionaria usar, servem de indumentária, logo de manhãzinha.

E canta — canta sempre, porque assim o trabalho tem mais doçura. À tarde, quando sai de casa, vai como uma *vamp* — de fazer perder a cabeça.

E ela talvez tenha pena de não poder atirar com o pé, que limpou em casa, aos olhos de certos galanteadores atrevidos...



Lina Demoel é uma perfeita costureira. Faz todos os vestidos, primorosamente talhados, conhece todos os pontos e pespontos e sabe muito bem as linhas com que a gente se cost.

Sempre alegre — Lina, que tantos êxitos tem alcançado no teatro, também na costura é capaz de levar a palma às melhores modistas de Lisboa.

Enfia a agulha aos olhos fechados, passaja, e os alinhavos — oh! os alinhavos! — são dos melhores no género alfaiate...



Herminia Silva — a vedeta que o público todo conhece, não canta só os fados, nem enche os palcos de alegria; trabalha também. Acabou agora mesmo de preparar a renda nesta toalha de jantar com a família e as visitas, e ficou muito contente.

Na sua casa, no aconchego do lar, além de bordados e «crochets» tão bonitos como este, Herminia trata de tudo, dando ordens, como verdadeira dona de casa. Os fados são para o público; mas na vida cotidiana há um número de grande êxito: o fado da vida da casa.



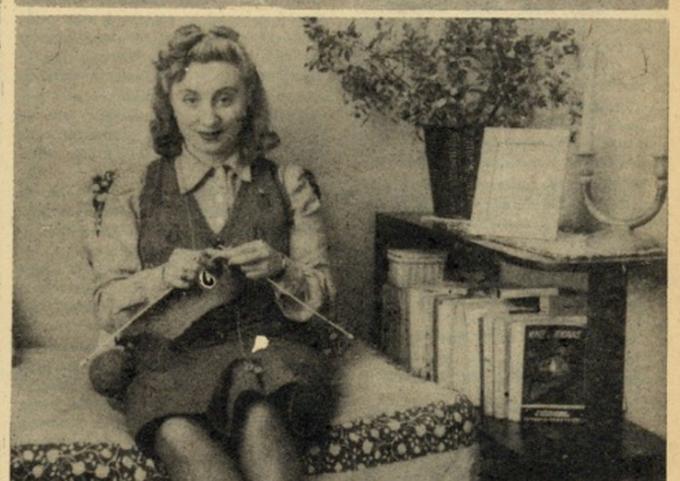
Virginia Soler, outra artista que o público distingue, porque ela sabe pôr inteligência e intuição nas suas interpretações, também tem as suas preocupações, porque as criadas nem sempre têm tempo, engenho e arte para os arranjos de casa. E, então, vá de correr dos ensaios para a sua «home», vigiar as caçarolas e enoamar a roupa. Sempre alegre, tem nos lábios uma canção para que o trabalho não lhe pese tanto... Realmente, com o ferro a enoamar, Soler há-de meter «ferros» a muita gente, que, coitada, acha desprimitivo lidar com utensílios que pertencem às criadas...



Filomena Casado trabalha mais em casa que no teatro — e, naturalmente, disso não é culpada ela nem o público, mas aqueles que se esquecem do seu valor como artista do teatro ligeiro.

Se as cenas teatrais são difíceis de ensaiar — o arranjo do lar também não é assim tão fácil. Há uma intuição natural. Nasce-se dona de casa e nasce-se artista.

Filomena Casado sabe, muito bem, dar à sua casa esse ambiente de conforto e de elegância.



Irene Isidro, para que será este «tricot»? Talvez para uma camisola que lhe vai ficar às mil maravilhas.

Irene gosta muito de trabalhar em casa. É uma sedução. Saida do teatro, gosta do tépido ambiente que o lar sabe proporcionar, e ali, entre flores e livros, estuda, trabalha, medita e... faz camisolas pelo menos tão bonitas como o «pull-overs» que traz vestido.

Os seus grandes êxitos são como o «crochet» — crescem sempre...

"Cancioneiro do ausente"

de Ribeiro Couto

DE Portugal fêz ouvir Ribeiro Couto no Brasil a sua voz de poeta nostálgico, enamorado do passado e da terra natal e exprimindo-a de longe com emoção e verdade. Nem tôdas as sensibilidades compreenderão entre nós esta poesia que já parece emoldurada em formas clássicas aos conhecedores da lírica moderna, mas a outros parecerá exuberante de audácias.

No Brasil, o processo de renovação foi mais impetuoso, e depressa triunfou. Aderiram a êle artistas já consagrados na métrica tradicional, e o movimento inspirou-se, acompanhando-o de perto no esforço de nacionalização da arte que em todos os seus ramos se afirmou vitorioso.

Também Ribeiro Couto foi dos primeiros que venceram na poesia modernista do Brasil; mas o tempo não esmoreceu a sua fresca voz nativa em que ressoam os ecos dos palmares e das velhas florestas, dos vales imensos e dos grandes rios tropicais — entre as canções melancólicas e as ternas evocações da humanidade simples que aí habita. Esse alento sedutor que vem de tudo o que cobre a terra brasileira, parece envolver numa carícia morna a poesia que a exprime. Fácilmente se some e apaga o dramático e o espiritual profundo que a poesia modernista em todos os países descobriu com largueza e coragem — ou a voz das massas humanas ascendentes que abrem caminho a um novo destino do mundo. A natureza envolvente tudo absorve, invadindo mesmo a voz dos poetas em que pulsa mais forte o apêlo das convulsões interiores, como Murillo Mendes ou Jorge de Lima; e é ela que inspira na mais extrema intensidade êstes versos de Ribeiro Couto, cadenciados em ritmo sensual de carícias musicais.

Isso mesmo impõe especial carácter à poesia moderna brasileira. Talvez a prive da espécie de universalidade mais perdurável — a que consagra as expressões estéticas de mais larga compreensão universal, sem nenhuma forma de regionalismo e exprimindo-se na linguagem e na reflexão das puras idéias. Mas por outro lado investe nos seus ritmos certa beleza indefinível, uma voluptuosidade evanescente, uma leveza que transmite depressa o encanto que transporta. E isso basta para a caracterizar tão fortemente, que sem possibilidade de engano se sabe logo quando é brasileiro um poema escrito em português, ainda que o seu objecto seja comum a qualquer origem.

A inspiração naturalista da poesia brasileira — que talvez nunca se liberte de certo tom parnasiano implícito em tôdas as suas épocas — é sempre muito mais profunda e artisticamente mais perfeita do que em tôda a poesia portuguesa. Nem mesmo Cesário Verde, nos seus quadros flagrantes de cidade, se aproxima tão fortemente da realidade descrita ou atirada em símbolos veementes aos olhos da imaginação,

como esta poesia nova do Brasil transudando vida e realidade.

«Andando sempre o poeta cantava, diz Ribeiro Couto, mas quem cantava não era êle — cantava nêle a própria vida»; e para o brasileiro genuíno a vida é êsse convívio de forçada simbiose com a natureza que a cultura universalista, a simpatia natural pelas realidades alheias, a ausência prolongada nunca deixam extinguir nas raízes profundas da sensibilidade em que se gera a poesia.

É ainda êsse impulso exteriorista que faz parecer almas abertas de par em par as que se exprimem nessa poesia já muito pouco portuguesa — contrastando com o hermetismo da melhor poesia moderna que tem surgido na Europa. E, agrade ou não, é muito mais fácil e mais verdadeiro encontrar afinidades entre Jorge de Lima e Walt Whitman, suponhamos, ou entre José Régio e Rilke — para colher exemplos ao acaso — do que entre escritores da mesma ou aproximada língua portuguesa.

Poesia aberta aos quatro ventos da realidade e da vida, palpitando de natureza rica, sensual e fragrante, é esta de Ribeiro Couto em «Cancioneiro do ausente».

Bem pode tomar-se como símbolo da poesia brasileira e, diga-se sem reticências, da melhor e da pior. O autor não possui a riqueza interior e o dom da metafísica da alma que outros seus contemporâneos exprimem com mais forte inspiração no Brasil, e entre nós, faz a grandeza incomparável de José Régio.

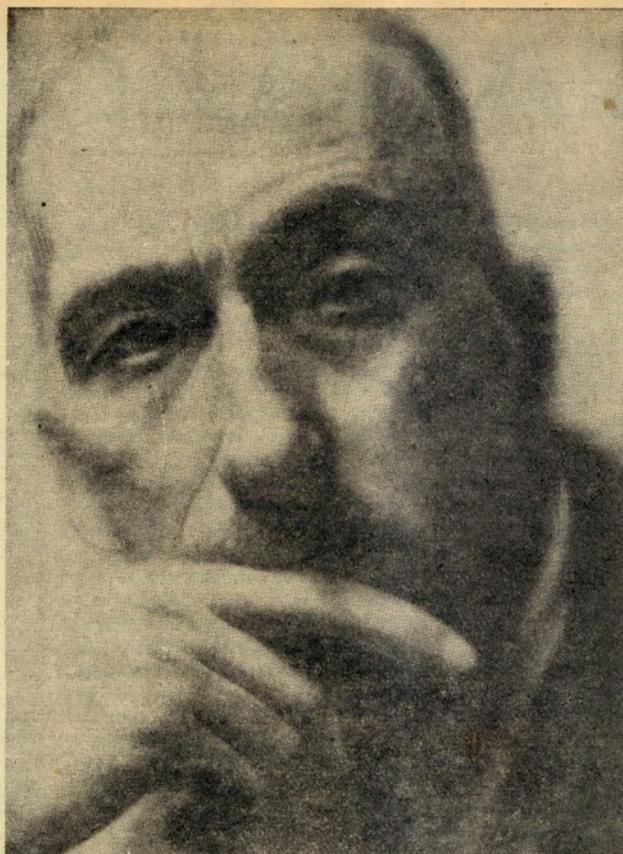
Há nos seus versos, muitas vezes, a característica futilidade do sensual; e, com frequência, também banalidade, que vem da inspiração de pequenas coisas exteriores sem terem sido previamente enriquecidas de verdades íntimas carregadas de sentido humano. Assim sucede nos «Cantores antigos» e em quadros naturalistas preenchidos com visões vulgares: «A noite clara, o silêncio da rua, a toada saúdosa — tudo é poesia». Mesmo a nostalgia toma em Ribeiro Couto a mais simples representação externa; e o sentimento que a todos sobreleva é o do filho pela mãe distante — sentimento que é certamente universal mas pode ser também comum, no mau sentido da palavra. Algumas vezes ergue-se dêsse império do real, muitas mais do que, além de real, é vulgar — mas por uma espécie de sensualidade que se transcende e situa em outros espaços mais largos da evocação a sua outra forma verdadeira.

Assim, nesses versos encantadores que falam de amor com ternura delicadíssima: «A irrealdade em que te moves nasceu de eu querer-te tanto...».

Ribeiro Couto alcança maior força expressiva, mais largo e poderoso ritmo, plena sedução da forma, nos versos longos em que se espriam os grandes quadros de ambiente, seduzindo e dominando pelo que sugerem de vastidão. Então os sentimentos tomam belas formas sensuais, inserem-se na amplitude do real, como se fôsse outros símbolos da natureza brasileira — e a voz do poeta faz-se ouvir com larga ressonância que tudo inunda de belos reflexos sonoros.

Imagem esplêndida do Brasil, êste livro de Ribeiro Couto vem acompanhar ou preceder as antologias da poesia da sua pátria que entre nós a vão representar muito melhor do que certas declamações de amigos demasiado interessados.

ÁLVARO SALEMÁ



A mão de François Mauriac

MAURIAc tem sido, na moderna literatura francesa, um dos escritores de mais nítida personalidade. Apaixonado pelos temas psicológicos de mais profunda e arrebatadora significação humana, criou em «Thérèse Desqurouz» um tipo de paixão que vive e palpita até ao estertor na alma da personagem. Católico inabalável que não confina as suas crenças à discretação pedante ou à atitude de conveniência que outros exploram, ergueu na «Vie de Jésus» um novo retrato universalista da pessoa humana e divina de Cristo. É nos grandes dramas da política europeia, que sabe viver com sinceridade e inteireza, a sua posição tem sido tão desassombrosa como corajosa.

É um homem de elevada civilização, com alguns defeitos da era da decadência que a França viveu no domínio moral, mas que se resguarda na arte como a sua pátria. Tem a mão mais fina e delicada de todos os escritores franceses: dedos longos e subtis, com o ligeiro relvêo de uma ossatura que parece fisiológica; e o gesto simultaneamente interrogador e céptico da mão parece acompanhar a atitude também intrigada e melancólica do olhar que se alonga sobre o árduo espectáculo do seu tempo.

As inconveniências do Conde Keyserling

VIAJANTE inquiridor e glutão, Hermann Keyserling passou em Portugal há alguns anos, como tôda a gente sabe, com imenso apetite e grande cortejo de homagenos.

As impressões que deixou entre nós dividiram-se: para uns, foi o modelo superior da alta cultura europeia, da eloquência erudita e solene, que a muitos portugueses deixa na embacada admiração que se vota a quasi tudo o que é alheio; para outros, foi o exemplo acabado do charlatanismo bem-falante que em Portugal também cria facilmente escola, não se lhe regateando o prémio das consagrações.

Dessa dualidade de impressões deve ter nascido a definição pitoresca que alguém deu a Keyserling: um cabotino de génio. O caso é que o celebrado visitante, depois de apreciar largamente a culinária e as bebidas nacionais, foi para o estrangeiro referir-se à nossa terra e à nossa gente, chamando-lhes «o disparate português»; e

falou com facúndia do «orgulho genuinamente hispânico», do plebeísmo, da «tensão convulsa» do português, definindo-o como povo tão romântico como positivista, poeta e, ao mesmo tempo, negociante por excelência. Entre vários deslises, êste apóstolo da «Kultur» menciona a empresa de Marco Polo entre as de Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, chamando-lhe portuguesa como as outras — e definindo-as como «fenómenos de explosão», passando três linhas adiante a uma teoria do decorativo na história portuguesa e comparando pouco depois os portugueses com os gregos como o único povo que se lhes assemelha. Ainda acumulou diversas inconveniências e juízos desconcertantes; e, finda a sua tarefa, arrumado perante a cultura mundial o «caso português», Hermann Keyserling, conde e filósofo, entrou numa cerveteria de onde não consta que tivesse saído ainda há alguns anos.

FAÇA DE PAPEL

— A Livraria Francesa publicou em «plaquettes» simples e atraente a notícia dos actos comemorativos da personalidade de Jean Perrin — grande sábio cuja morte quasi passou esquecida entre os tumultuários episódios da guerra.



Mesmo no inverno, Maria Domingas não deixa de se dedicar aos seus desportos favoritos — para manter a linha...

Maria Domingas

Tem medo do público?

ESTA Maria Domingas, que foi durante muito tempo a menina bonita do nosso cinema — é agora uma vedeta de rádio sem grande popularidade.

Porquê? Eis uma pergunta que deve ter assaltado, muitas vezes, o espírito dos nossos leitores.

Precisamente nós fizemos-nos eco dessa pergunta e fomos falar com Maria Domingas, essa rapariga simpática e talentosa que, se tivesse nascido noutra país, talvez já fosse a esta hora uma grande artista de cinema.

Maria Domingas acolhe-nos com o melhor dos seus sorrisos e quando sabe a razão da nossa visita, não se nega. Aliás, ela própria está desejava de desabafar, de dizer umas coisas aos seus inúmeros admiradores.

Põe-se inteiramente à disposição do repórter de «Vida Mundial Ilustrada». E abandona por momentos a volumosa correspondência que diariamente lhe chega às mãos, vinda de todos os pontos do mundo. Sinceramente, vimos entre as cartas muitas remetidas de pontos da América, da Índia, da União Sul-Africana — e até mesmo de

Hollywood. Se não acreditam, peçam à Maria Domingas para que lhes mostre essas cartas...

Como não podia deixar de ser, a nossa pergunta versou sobre a sua situação actual como estrela de rádio.

Maria Domingas confessa-nos logo que não está satisfeita com as suas atuações. E afirma:

— Tenho sido infeliz nos programas... Necessito de boas músicas, de canções que sirvam à minha maneira de ser. Afinal...

Esse «afinal» resume todo o protesto da artista — pelos números que lhe têm dado para cantar.

Depois, interrogamo-la:

— Acha bem ou mal as nossas organizações radiofónicas?

Maria Domingas é sincera — embora a sinceridade custe, muitas vezes...

— Acho mal, muito mal. Há falta de ordem, nunca se sabe quem está a

dirigir, a quem devemos perguntar qualquer coisa...

Aproveitamos a oportunidade:

— E quanto ao público...

Maria Domingas abre os seus olhos bonitos e faz um trejeito amado de receio.

— Sabe? Tenho medo do público. Fico nervosa, quando sinto todos os olhares postos em mim, à espera de qualquer coisa. É por isso mesmo que eu prefiro o cinema ao teatro e à rádio — ainda que goste muito da rádio... Mas no cinema, não me tenho de defrontar com o público... senão no «écran»...

Já que falávamos em cinema, tentámos bisbilhotar:

— Projectos?

— Tem um amão de ingenuidade:

— Continuo a esperar... Talvez eles ainda se lembrem de mim... Gostava muito, muito, de voltar a trabalhar com o Jorge Brum do Canto.

— E qual o género que preferiria interpretar?

Ela não demora a responder:

— Alta comédia, sem dúvida alguma!

E voltamos a falar sobre Rádio — onde ele se sente, sobretudo, infeliz.

Maria Domingas tem medo do público — mas desde que lhe deem números bons, que ela possa sentir, o público não lhe meterá mais medo...

SEM COMENTÁRIO

Trecho dum boletim de Rádio Graça, dito ao microfone pelo locutor-proprietário da estação, na noite de terça-feira, 15 de Fevereiro:

«Como já anunciamos, vai iniciar-se no próximo dia 27 de... o início das nossas festas».

JÁ OUVIRAM?

Sim, já escutaram por acaso uma nova emissão de Rádio Peninsular, se não nos enganamos com pretensões a humorismo?

Pois, segundo nos informam —

À ESCUTA...

aquilo é simplesmente ridículo. Nada de espírito, nem de humorismo, nem de originalidade. Apenas uns ditos que fazem corar qualquer varina...

RITMO? TALVEZ NÃO...

Rádio Continental apresenta um novo programa denominado «Ritmo», onde figuram alguns elementos aproveitáveis e outros que nada valem.

Mas, pergunta-se, terá esse programa as características necessárias para que lhe possam dar o título geral de «Ritmo»?

Talvez não...

R A D I O

UM SENSACIONAL CONCURSO DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Qual é a vedeta portuguesa mais popular da Rádio?

«Vida Mundial Ilustrada» lança no seu número de hoje as bases dum grande e sensacional concurso que deve ter largo êxito entre os radiófilos portugueses.

Trata-se de escolher o idolo n.º 1 da nossa rádio — a vedeta portuguesa mais popular entre todas as que actuam diante dos microfones nacionais.

É o público — o mais sincero e o mais justo juiz — quem vai decidir. A ele cabem as responsabilidades da escolha. Nós aguardamos apenas o seu «veredictum». E estamos certos, absolutamente certos, de que a vedeta eleita vencedora neste grande Concurso de «Vida Mundial Ilustrada» será, indubitavelmente, a vedeta portuguesa mais popular na rádio!

UM CONCURSO EM 10 ETAPAS

Prestem, atenção, leitores amigos. A mecânica do Concurso é bastante simples e está ao alcance de todos vós.

Ele começará já no próximo número do nosso semanário e terá a duração de dez números — ou seja de dez etapas.

Nós explicamos: semanalmente, os leitores ou simpatizantes da «Vida Mundial Ilustrada» enviar-nos-ão até quarta-feira uma carta ou um postal endereçado a Concurso de Rádio — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 1.º e contendo, em letra bem legível:

a) Um voto na artista ou no artista de rádio, amador ou profissional, por quem o leitor tenha mais simpatia.

b) O nome e a morada do leitor.

c) A estação ou as estações onde o artista votado costuma actuar.

E, semanalmente, também, nós faremos a contagem de votos chegados à redacção e publicaremos a classificação actual das vedetas.

Assim, teremos em cada semana uma etapa, que apresentará o seu vencedor ou a sua vencedora individual. Entretanto, na classificação geral, os votos ir-se-ão acumulando para a contagem final.

Estamos convencidos que os admiradores de alguns artistas bem nossos conhecidos não deixarão de dar o seu voto — para que o favorito alcance esse título tão sugestivo da vedeta portuguesa mais popular na rádio.

Ou surgirá a surpresa dum nome, ainda desconhecido do grande público, superiorizar todos os outros e rodear-se duma auréola de popularidade e de glória?

Veremos — no final. Antes disso, é cedo para falar. E até lá a luta poderá oferecer aspectos bem emocionantes de rivalidade. Está em jogo um título...

UM PRÊMIO TENTADOR!

«Vida Mundial Ilustrada» prepara uma grande festa para a consagração da vedeta portuguesa mais popular da rádio. Nos próximos números iremos dando mais detalhes dessa organização, que promete revestir-se de grande brilhantismo e que constituirá, sem dúvida, um acontecimento artístico de grande categoria.

Contudo, desde já podemos revelar uma boa novidade aos leitores: entre os que votarem na vedeta portuguesa mais popular da rádio serão sorteadas doze fotografias artísticas da sua favorita, autografadas por ela própria.

Eis um prêmio tentador, bem sabemos. Sem grande trabalho — apenas com persistência e com dedicação — o leitor poderá possuir o retrato da sua vedeta mais querida. Basta que a ajude a triunfar, não a desamparando em qualquer das dez etapas semanais e fazendo com que ela triunfe na classificação final. Basta isso... e um pouco de sorte!

VAI COMEÇAR A PRIMEIRA ETAPA

Portanto, leitores, nada de negligências. Lembrem-se que, a esta hora, possivelmente, estarão já a votar noutras vedetas, que não a vossa.

Enviai também o vosso voto. As vezes, ele poderá ser decisivo!

Como atrás dissemos, o Concurso iniciará-se a partir do próximo número de «Vida Mundial Ilustrada» e constará de dez etapas. A contagem de votos será assim dividida:

Do dia 23 de Fevereiro ao dia 1 de Março — 1.ª etapa.

Do dia 1 de Março ao dia 8 de Março — 2.ª etapa.

Do dia 8 de Março ao dia 15 de Março — 3.ª etapa.

Do dia 15 de Março ao dia 22 de Março — 4.ª etapa.

Do dia 22 de Março ao dia 29 de Março — 5.ª etapa.

Do dia 29 de Março ao dia 5 de Abril — 6.ª etapa.

Do dia 5 de Abril ao dia 12 de Abril — 7.ª etapa.

Do dia 12 de Abril ao dia 19 de Abril — 8.ª etapa.

Do dia 19 de Abril ao dia 26 de Abril — 9.ª etapa.

Do dia 26 de Abril ao dia 3 de Maio — 10.ª etapa.

A classificação das vedetas votadas em cada etapa — será sempre dada no número da semana a seguir àquela em que realiza a contagem de votos.

Assim, no dia 10 de Maio de 1944, «Vida Mundial Ilustrada» proclamará a vedeta portuguesa mais popular da Rádio.

Até lá, a expectativa é grande. Todos os ídolos da nossa Rádio estão presentes, na partida para a primeira etapa: Maria da Graça, Oscar de Lemos, irmãs Remartinez, Maria Gabriela, Graciete Melo, irmãs Santos, Luiz Picarra, irmãs Meireles, Luiz Escobar, Júlio Pinto, Curado Ribeiro, Maria Sidónio e tantos outros, desconhecidos ou famosos...

A primeira etapa vai começar. Começa hoje mesmo — desde que nos envie o seu voto. Quem a vencerá? Só o saberemos no próximo dia 8 de Março. Até lá, haja esperança...

em novos programas, em novos elementos, em novas orientações. E, afinal, continuamos na mesma...

PARABENS A MARIA ISABEL

Num programa quasi banal apresentado ao microfone da «Voz de Lisboa», ouvimos um número que nos satisfez bastante: um samba cantado por Maria Isabel.

Parabéns a Maria Isabel! Ela possui boa dicção, tem uma voz muito afinada e canta com magnífica expressão. Eis um elemento a aproveitar... Se não se estragar, antes de tempo, com vaidades exageradas...

ESQUECERAM-SE DE NÓS...

Soubemos que se realizou a festa da rádio. Lêmos a notícia nos jornais — porque nós não fomos lá. E por isto simplesmente: porque se esqueceram de nos enviar o respectivo convite...

ENTÃO, ESSAS INOVAÇÕES?

De há tempos para cá temos visto anunciadas as promessas de grandes inovações na rádio nacional. Fala-se

A CÈGADA

NÃO tenho saúdaes do Carnaval. Esse velho sujo, borrachão, face lambuzada de pós, chapéu às três pancadas, gingão, provocador, vocabulário soez, nunca foi da minha simpatia. Era conflituoso e intolerante. Confundia lamentavelmente a graça que vem do espírito com o arrêto que vem do estômago.

Escutei sempre com repugnância as gabarolices de certos velhos, ainda babosos de nostalgia, que evocavam as façanhas carnavalescas dos seus tempos — os tempos em que se arracimavam ovos pôdrês à cabeça do transeunte, estragando-lhe a farpela; em que se enfarinavam as senhoras e se esborrachavam narizes e olhos com cargas cerradas de tremço e grão, insultando-se o agredido numa linguagem desbragada, mais suja do que a água das sargetas com que se enchiam as bisnagas.

Não sendo um velho, ainda me recordo, no entanto, de algumas cenas amáveis do Carnaval antigo, entre elas, a batalha de flores na Avenida, com seu cortejo de tipóias e «landeaux» carregados de meninas vaporosamente trajadas de tarlatana; galeras ajoujadas de bulicosos sócios e sócias dos clubes de salsifré; Marialvas caracolando à ilharga de trens ornamentados de côres vistosas, de onde as donzelas lhes atiravam olhares doces e bombons em troca de raminhos de violetas. Isso, que era a transposição do pirismo da Rua dos Fanqueiros para o ambiente entredesco do «corso», tinha certa graça e faz-me saúdaes.

Mas, do velho Carnaval, o que melhor recordo com um sorriso de indulgente simpatia, é a Cègada. Tinha uma expressão humana inconfundível, original e profunda.

O povo humilde, analfabeto, esquecido dos governos, que só o adulavam em época de eleições, passava o ano inteiro a labutar pela còdea. A sua escola era a rua, o seu lar a pocilga, o seu futuro o hospital (se houvesse vaga), o seu divertimento a taberna. Na Cègada, a rir, pintando a cara com zarção e rôlha queimada, vazava êle todos os ressentimentos da sua alma de sofredor.

Um mês antes do Entrudo, já a Cègada era a sua preocupação absorvente, a sua grande obra amassada em dôr e sacrifício. O povo trabalhava a Cègada com amor idêntico ao do poeta que escreve um poema mediocre mas sentido.

Aquêle espectáculo idealizado e realizado com suas idéias imprecisas e suas mãos calosas tinha qualquer coisa de sagrado. Eu vivia, em criança, numa casa, cujas traseiras deitavam para um pátio popular, dèsses que cheiram a fartum e onde, pelas tardes, no degrau das portas, as avós catavam as netas e as netas catavam as avós. Durante o ano, a vida no pátio era monótona e triste, apenas animada de longe em longe por alguma desordem de bebedeira. A aproximação do Entrudo, porém, o local animava-se. Os domingos acusavam uma actividade febril e festiva. Homens fatigados de uma semana de trabalho rude nas oficinas, nos andames de construção civil, na limpeza dos esgotos, apreciavam em mangas de camisa, «beata» atrás da orelha, sobraçando madeira e trapos, e, ante a curiosidade da garotada, começavam a construir o cenário ambulante. Martelava-se, serrava-se, pintavam-se serapilheiras a fingir de portas e frontarias de prédios toscos.

De onde em onde, durante uma pausa em que se reviam na obra, os artistas passavam de mão em mão, de bôca em bôca, uma borracha de tinto. Depois discutia-se com calor, aos berros, porque os entendidos criticavam e os artifices abespinhavam-se, ofendidos. À noite, à luz trémula do gásometro, ensaiava-se a letra da Cègada. Havia um carroceiro de barba forte e fato de ganga aos remedos que recitava o seu papel delicado num vozeirão terrível:

Eu sou a mulher perdida...

Era êsse brutamontes que havia de envergar mais tarde uma blusa de chita, um chale de ver-a-Deus emprestado por uma vizinha, a saia da mulher, muito curta, deixando ver as calças de ganga, e tapan a cabeça com o lenço de ramagens, atado sob a face mal barbeada, vermelha de zarção.

Os tocadores dedilhavam a guitarra e a viola: dlim-dlim-dlão...

Finalmente, Domingo Gordo, de manhã, depois de muito barufastar para que a coisa aparecesse decente, a Cègada saía para a rua. Poucos avaliariam a soma de trabalho, de tenacidade e sincero amor à Arte que o grotesco cortejo representava. Lá iam. Dlim-dlim-dlão... A garotada seguia-os. A viola e a guitarra serviam de guia e chamariz. O apito trémulo como um grilo ordenava a primeira paragem, ali, na rua, para a vizinhança apreciar e orgulhar-se dos seus vizinhos tão engenhosos. Colocava-se a jeito a porta de ripas e serapilheira pintada, que se abria para dar passagem à «dama» — o bom carroceiro muito senhor do seu papel. Ela começava, então, a recitar, um pouco rouca, o que lhe dera muito trabalho a decorar.

Eu sou a mulher perdida...

Entra o clínico de bigode repontão que lhe responde no mesmo tom. Discutem longamente em verso, para se concluir, afinal, que *ela* se perdera por amor e vendia o corpo para sustentar uma filha do clínico que abandonara.

O público delira. Os velhos concordam com a moral do conto...

Das janelas chovem vintens e dez réis. Um actor estende uma bandeja em tórno, recolhendo a esportula para a ajuda das despesas...

Soa o apito. A viola e a guitarra — dlim-dlim-dlão — marcam a cadência da marcha. Lá vão êles percorrer a cidade de lés a lés, muito ufanos da sua obra, bebendo copo aqui, copo acolá, pois a generosidade do público dá para essas extravagâncias.

Quarta-feira de Cinzas, estafados, ensonados, a bôca amarga das bebidas, mas satisfeitos da tarefa, os artistas afirmam, convictos, à vizinhança:

— Foi a melhor Cègada que se apresentou por essas ruas!

Como os grandes comediantes, êles também tinham a sua vaidade.

MÁRIO DOMINGUES

FALA-SE ESTA SEMANA

SUZANNE CHANTAL



Como nos contos de fadas, onde há um bergantim dourado — Suzanne Chantal também veio um belo dia a bordo de um lindo barco para conquistar Portugal como jornalista. Os seus artigos, as suas novelas, as suas reportagens como os seus romances são sempre um presente ameno, uma caixa de bombons de sabor «made in France». No seu último livro — «Deus não dorme» — a «reporter» tomou-se da fantasia da escritora e escreveu um romance moderno, vivido e humano.

DR. VIEIRA MACHADO



Em reunião plenária, o Conselho do Império Colonial Português nomeou o sr. dr. Vieira Machado vogal daquele alto organismo. O sr. ministro das Colónias vai, assim, ocupar um cargo altamente honroso e cheio das mais nobres tradições, na vida colonial portuguesa, por lá tendo passado figuras notáveis na nossa missão de povo colonizador e mensageiro de novas civilizações. Por êsse motivo, a nomeação do sr. dr. Vieira Machado constitui uma significativa homenagem.

Dir-se-á que êsses senhores forçam a escada de serviço, porque lhes fecham a porta principal que êles deviam franquear sob chuvas de flores — homenagem espontânea a que o seu talento tem direito. Mas não. Ningum lhes nega valor, ninguém se nega a fazer-lhes o elogio merecido — mas tudo tem o seu limite, mesmo porque quando o adjectivo tem função publicitária, as leis de Imprensa exigem que se pague um tanto à linha.

CASAIIS MONTEIRO



Estudioso dos problemas do nosso tempo, quer se refleitam nos domínios dos temas abstractos do espirito, quer se concretizem nos casos

sociais, Adolfo Casais Monteiro é sempre o mesmo espirito curioso, atento e bom intérprete dos homens e das coisas. O seu último trabalho, que se intitula «A Poesia de Manuel Bandeira» e constitui óptimo estudo da obra do conhecido e apreciável poeta brasileiro, confirma as virtudes intellectuais de Casais Monteiro, critico e ensaista, desta vez divulgado num caderno da Inquérito, dentro da colecção Cadernos Culturais.

PUBLICIDADE GRATUITA...

INFELIZMENTE, o mal não nos pertence em exclusivo. Portugueses e estrangeiros enfermam do mesmo mal: a publicidade tem para êles um encanto particular, qualquer coisa de estontante e voluptuoso que os domina até os fazer praticar pequenas abjeções intellectuais. Desde os senhores das academias que mandam para as redações as notícias que lhes dizem respeito evidentemente adjectivadas, até aos pequenos zoilos que todos os dias surgem bem fornecidos de metralha publicitária com que bombardeiam as redações dos jornais — todos se inclinam perante a deusa do elogio público, presas fáceis da mais triste das vaidades...

Com effeito, sobre as mesas das redações, todos os dias caem notícias elogiosas redigidas pelos elogiosos. E todos os dias os telefones retinem inúmeras vezes, para nos transmitirem um pedido de noticia: — Sabe, não é por mim, é pelo editor, coitado, para ver se despacha o livreco. Eu até sou avesso à publicidade...

Isto, no caso de certos escritores, dos homens de letras que fazem versos, romances, conferências e tudo o mais que muitas vezes os poucos afazeres lhes dá na real gana de fazer... Porque são os homens de letras os mais sistemáticos acambarcadores d'êste espaço vital que constituem as colunas dos jornais. E pedem a noticia porque se casam, porque se descasam, porque vão, porque ficam, porque falam em público ou no silêncio dos gabinetes ministeriais, porque fazem edições e reedições — porque isto e porque aquilo: tudo lhes serve de pretexto para pedir a noticia — e o retrato. A darmos satisfação a êstes insatisfeitos de publicidade... gratuita, em que o acto de oferecer um livro constitui prostituição, porque reclama paga — como encontrar páginas de jornais e de revistas onde calba tanta vaidade, tanto elogio próprio?

Dir-se-á que êsses senhores forçam a escada de serviço, porque lhes fecham a porta principal que êles deviam franquear sob chuvas de flores — homenagem espontânea a que o seu talento tem direito. Mas não. Ningum lhes nega valor, ninguém se nega a fazer-lhes o elogio merecido — mas tudo tem o seu limite, mesmo porque quando o adjectivo tem função publicitária, as leis de Imprensa exigem que se pague um tanto à linha.

Desta verdade, tão axiomática que não precisa de demonstração, andam muitos, porém, descapitados. E o mal começa a tomar raízes tão impressionantes, que já se vêem por aí senhores e senhoritas, verdadeiros recém-iniciados na arte de alinhavar palavras — todos preocupados, não com o modo de fazer reclames para obra realizada, mas algo que justifique o reclame que forçam nos jornais. Quizer dizer: cuida-se menos de merecer o elogio, do que do elogio em si. Por isso os ídolos de barro, a que o público já nem lança olhos, todos os dias se erguem em pedestal publicitário; por isso todos os dias os jornais apresentam mais um flustre que vem atafulhar o já longo e atarracado meio literário português, tanta vez composto de pigmeus feitos gigantes, no dizer do poeta; e por isso triunfa cada vez mais o critério indecoroso de alguns aventureiros e assaltantes que vão chegando às portas do Templo Literário, dando encontrões e proclamando em altos berros e soqueando as portas:

— O que é preciso é entrar! Depois de lá chegarmos, logo se vê o que se pode arranjar!

Não, para êles já nem é preciso escrever uma obra e candidatar-se a pessoas notáveis. Para êles, basta ter audácia, encaufar-se pelas redações, pedir, insistir, magoar até arrancar um sim — que aqui equivale à noticia — vencer o silêncio e concluir:

— Se o público tiver retido o meu nome, quando eu aparecer com alguma coisa de jêlto, já tenho a aura populari...

O estímulo à actividade científica

Há semanas os jornais anunciavam que se instituiria em Portugal um prémio de 3.500 escudos para compensar quem fizesse alguma descoberta no sentido da cura de qualquer forma de cancro.

Achamos muito bem a instituição desse prémio, como achamos muito pouco o quantitativo da soma a ele destinado. Quando existe, por exemplo, um prémio «Columbano», de 10.000 escudos destinado a premiar uma pintura, parece incompreensível que se destine apenas um pouco mais do terço desta quantia como estímulo e compensação a um trabalhador científico que foi, forçosamente, obrigado a realizar aturados estudos e demoradas e custosas experiências laboratoriais. Não se quer, com isto, rebalzar a Arte, mas diga-se o que se disser, a repercussão social do trabalho científico é infinitamente mais vasta e possui, por essa mesma razão, um mais nítido valor humano.

De resto, no momento presente e no nosso país, pouco se pode acreditar na eficácia dos prémios para trabalhos científicos. Faltam-nos bem apetrechados laboratórios e, o que é muitíssimo mais importante — laboratórios onde haja facilidades em trabalhar sem se ficar esmagado nas rodas da burocracia ou do exclusivismo ou da falta de verba.

Mas que fazer num país de indústria ainda balbuciante? Porque é numa indústria desenvolvida, nas necessidades da técnica, que a ciência vai buscar uma parte considerável dos motivos para o seu desenvolvimento teórico e prático; e em qualquer caso, o desenvolvimento industrial constitui o clima propício à fermentação dos talentos, supondo que socialmente esses talentos encontram os meios precisos para se concretizarem e darem os seus frutos.

Crescendo à medida que a vida económica se intensifica e desenvolve, o estímulo à actividade científica deve ter, antes de mais nada, as suas bases seguras na eficiência de uma organização educativa que, exercendo-se sobre «toda» a população, não deixe de fora um só dos indivíduos capazes de ingressar nas esferas superiores da vida cultural do país. Depois, é necessário chamar do estrangeiro, quando os não haja cá, bons mestres e bons técnicos; e mandar para os centros científicos de renome na Europa e na América, todos quantos possam ganhar ao máximo com o contacto de outras culturas. E, em suma, ter bons laboratórios onde se possa, calma e comodamente, realizar experiências...

Nos Estados Unidos — um exemplo apenas — existem «Clubes Científicos» para a juventude, clubes esses que são providos de laboratórios que, mediante o pagamento de acessíveis quotas, se encontram ao alcance de qualquer jovem associado. É possível que não saiam daqui descobertas importantes, mas pode-se imaginar o efeito que produzirá na inteligência e em toda a personalidade do jovem, o exercício simultaneamente livre e controlado das suas curiosidades intelectuais, a par de um constante e vivo apêlo ao estudo e às forças criadoras.

Assim é que o problema devia ser encarado. Os prémios seriam um feliz acréscimo.

Porque morremos debaixo de água e morre o peixe fora dela?

COMO se sabe, o ar é composto de vários gases mais ou menos solúveis na água. Entre estes, tem papel importante, na respiração, o oxigénio. Claro, não o reconhecemos dissolvido, como não reconhecemos o sal dissolvido na água. Mas a verdade é que ele lá está — e mal de nós se isso fôsse impossível porque o nosso organismo apodera-se do oxigénio infiltrado no sangue.

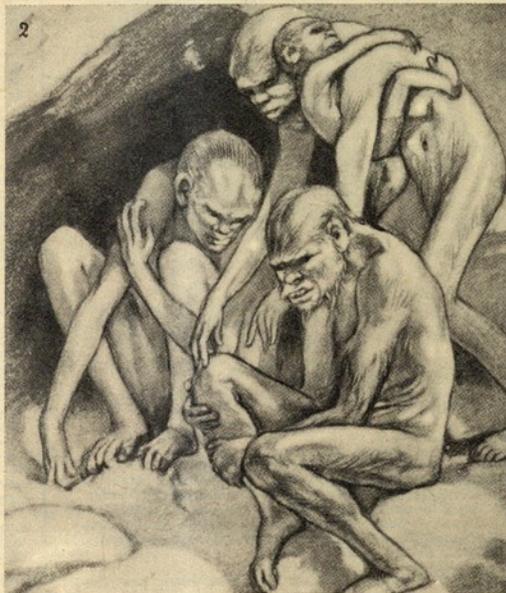
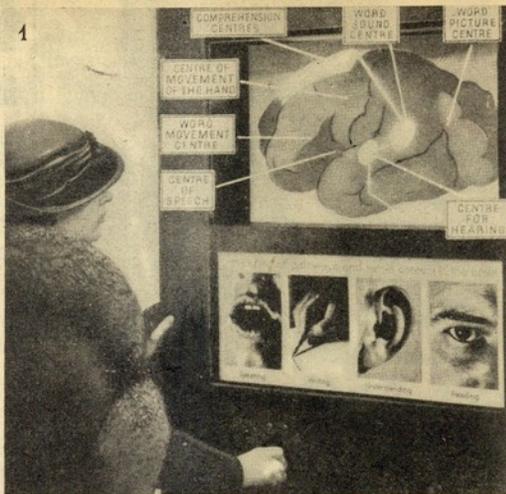
Pergunta-se: Se o nosso organismo se apodera do oxigénio dissolvido, qual a razão porque não nos apoderamos do oxigénio contido na água, no caso de nos estarmos a afogar?

A explicação é simples: em cada respiração fora da água, o oxigénio que entra propaga-se com suficiente rapidez por todo o pulmão, satisfazendo as necessidades do organismo. O mesmo não sucede quando se está submerso; na ânsia de respirar, os pul-

mões enchem-se de água, e o oxigénio consumido não pode ser substituído com a necessária velocidade. E aí temos um cadáver, por asfixia...

Se nos homens os pulmões cheios de líquido constituem espaços mortos, no peixe o aparelho respiratório está adequado para o constante renovamento da água. As brânquias ou guelras, que são lamelas muito ricas em vasos sanguíneos, apresentam uma vasta superfície, aumentada com milhares de dobras transversais microscópicas. O peixe faz circular a água pelas lamelas e pregas, e absorve o oxigénio em dissolução. Fora do meio habitual, as lamelas aderem umas às outras, e a superfície respiratória fica muitíssimo reduzida, morrendo o peixe, embora no ar exista abundância de oxigénio.

Tanto, ao peixe, como no homem, a morte resulta da impossibilidade dos seus aparelhos respiratórios se adaptarem a meios diferentes.



4- Eis um belo exemplo de educação popular num museu americano! O visitante carrega no botão correspondente a uma das faculdades indicadas pelos seus símbolos: falar, escrever, ouvir e ver — e logo em cima, no quadro representando o cérebro, se ilumina a zona onde reside o centro director da referida faculdade. Nesse quadro estão representados os seguintes centros, vindo de baixo para cima e da esquerda para a direita: centro da linguagem articulada, centro do movimento da mão, centro da compreensão, centro dos sons, centro do reconhecimento das cores e objectos, centro da atenção acústica.

2- ESTES nossos antepassados de há um milhão de anos, têm um ar «amacacados». Ainda se estava próximo da família de antropóides dos «simióides», donde descendemos nós e os chimpanzés, orangotangos e gorilas. Que espantosa evolução e progresso, até à era dos arranha-céus e da Teoria da Relatividade!

3- UMA fotografia rara. Este negro peixe prepara-se para engolir a réta, um peixinho luminoso. Os outros também não escaparão. É capaz de engolir uma pescada no próprio tamanho, de tal modo o seu estômago é dilatável! Os ingénios e baratos moralistas que comparam a inocência dos animais à brutalidade dos homens, têm aqui matéria de raciocínio. Mas não se esqueçam: a natureza é cega e o homem pode modificar a sua própria condição.

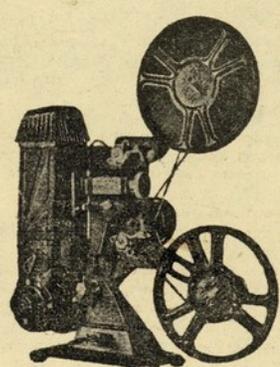
Sempre que pense
fazer cinema

CONSULTE
A ÚNICA CASA
ESPECIALIZADA

Todas as marcas

PATTÉ-BABY PORTUGAL L.^{da}

LISBOA - Rua de S. Nicolau, 22
PORTO - Santa Catarina, 315





VAMOS TER TEATRO FRANCÊS EM LISBOA!

diz-nos a actriz MARCO-VICI, que divulgou o romance de Inês de Castro em Paris...

ESTAS coisas acontecem quasi sempre por acaso — ou, então, porque a acompanhar o jornalista há sempre o bom deus dos «reporteres». De qualquer forma — ou por qualquer razão, nós não contávamos nada vir a conhecer, em carne e osso, esta artista que colheu aplausos fartos em Paris, em Bruxelas e em Londres e veio refugiar-se silenciosamente numa «vila» de S. João do Estoril...

Chama-se Marco-Vici e o seu nome fala-nos do Theatre des Arts, Antoine e Odéon — esses teatros que deram peças à «Petite Illustration», onde os nossos tradutores foram arrancar tantos êxitos teatrais de épocas passadas, e presentes.

Pois bem; Marco-Vici, alta, elegante, formosa, está diante de nós à mesa de uma pastelaria elegante do Chiado e tem algumas coisas interessantes para dizer:

— Estou em contacto com alguns artistas da Comédie Française e procuro resolver certos problemas de viagem, criados pela guerra, para trazer até Lisboa, antes de fins de Abril, um pouco de teatro francês.

— E que género de teatro? — O teatro sério, porque o público parece interessar-se, presentemente, por tudo o que reflecta pensamento, em profundidade.

Preguntamos-lhe: — Já tem peças pensadas? — Claro. Entre outras, L'Atlantide, extraída por Henri Clerc do romance do mesmo título de Pierre Benoit. Amphitryon, Phédra, Alee...

Entre duas chácaras de chá — Madame Mirella Marco-Vici, que é de origem romena, não fuma — fala-nos então, de Paris, dos seus «boulevards», dos seus teatros, dos seus autores.

— Montherlant, como os jornais disseram, está na moda. O seu drama, construído à margem do romance de Inês de Castro, foi o grande êxito da última «saison». Simplesmente, o autor teve o mau gosto de transformar um rei amoroso, num rei assassino...

E, comentando: — Acredito que Montherlant nunca tenha lido nenhuma versão dos amores de Inês de Castro. E acredito que o seu drama foi feito à base das minhas palestras pela rádio.

— Sobre Inês de Castro? — Exacto. Em 1940, a propósito dos sonetos de Elisabeth Barrett. Como sabe, o romance amoroso desta poetisa inglesa, casada em idade «saisonée» com um homem bastante mais novo, escreveu-o ela em sonetos inspirados no drama de Inês de Castro. A linguagem da poetisa, que introduzia nas algibeiras do marido os versos sugeridos pela leitura das páginas lusitanas, encontrou eco clamoroso na juventude francesa. Durante meses, a correspondência caiu sobre a minha secretária da Emissora de Paris, até à altura em que a guerra veio pôr-lhe ponto final na actividade intelectual da França.

Esse êxito deve ter animado Montherlant a fazer uma peça de teatro, mesmo sem conhecer o tema real do romance...

Preguntamos a Madame Marco-Vici se trabalhou na Rádio e ela diz-nos que sim: — Desde 1938 que trabalhava na Rádio de Paris, não obstante ter apresentado, pela última vez, em 1939, no Teatro Antoine, uma peça d'este autor recentemente falecido: Le cauchemar... Depois, dediquei-me à televisão poética e considerei-me a intérprete da poesia internacional, até à altura da ocupação alemã.

— Depois?... — Depois... depois... vim para Portugal, onde vivo com meu filho, um belo e forte «garçon» que vai lutar na R. A. F. canadiana...

Nos olhos de Madame Marco-Vici há uma névoa de inquietação e de sofrimento. Nas chávenas arrefeceu o último golo de chá doirado e de uma jarra desprende-se, lentamente, a pétala de uma flor...

Ela sonha talvez!



Grazi Barbosa, vai a Viena estudar piano

OS dois filhos do conhecido violinista Luís Barbosa são dois artistas. Vasco, ainda criança, revelou, em concertos públicos de violino, a sua arte como um caso precoce dos mais afamados em Portugal. Grazi, sua irmã, no piano, não se ficou atrás. Os críticos teceram-lhe os maiores elogios. É uma executante, virtuose, de sensibilidade delicada, que interpreta Beethoven com um lirismo apaixonado. Terminou o curso superior de piano, o ano passado, no nosso Conservatório, com uma alta classificação. Depois disso, em recitais, com uma selecta assistência, fez alarde da sua técnica.

Agora acabou de lhe atribuir uma bolsa de estudo para se aperfeiçoar, em Viena de Áustria, com um grande mestre de piano.

Procurámos Grazi na sua casa. Fomos encontrá-la radiante, no aconchego do lar — um lar que é de artistas. Numa salinha, seu pai ensalava.

— Está contente, Grazi? — Contentíssima! O meu maior anseio é corresponder ao prémio que me deram! Não me falta, para isso, entusiasmo e...

— Mocidade, não é verdade? — Sim, mocidade! Sermos moços é uma grande coisa! A mocidade na arte é tudo! Nunca envelhecer. O artista, mesmo velho que seja, deve sempre novo na forma de interpretar...

— De facto, Bach, Schubert, Mozart, são tão antigos e todos os dias têm mocidade... — Nem mais! Eu adoro Bach. Não quero dizer que desgozte dos modernos. As obras de beleza não conhecem idade, vivem e exaltam-se pelo que têm em si.

— Quando parte? — Grazi, com um sorriso de alegria, responde de pronto: — Espero só o visto da Legação da Alemanha! — Não tem receio do estado em que a Europa está? — Há uma hesitação, mas depois resolve com entusiasmo: — Se vamos a pensar assim, nunca se faz nada. Minha mãe vai daqui comigo para tratar da minha instalação. Já sei um bocadinho de alemão, o essencial para me entenderem. Depois, ficarei sózinha.

— E de quantos meses é o estágio? — Dez — são duzentos marcos por cada, além das viagens pagas e das lições... — Sabe o nome dos professores? — Ainda não me disseram. Sei, todavia, que terei os melhores mestres. Parto confiada que trabalharei para... — ...corresponder à esperança de seu pai, que não é pouco!

— Sim, e de minha mãe, que me ensinou os primeiros rudimentos ao piano.

Grazi, muito satisfeita, mostra-se encantada com a vida artística de Viena de Áustria. Foi ali um berço de artistas.

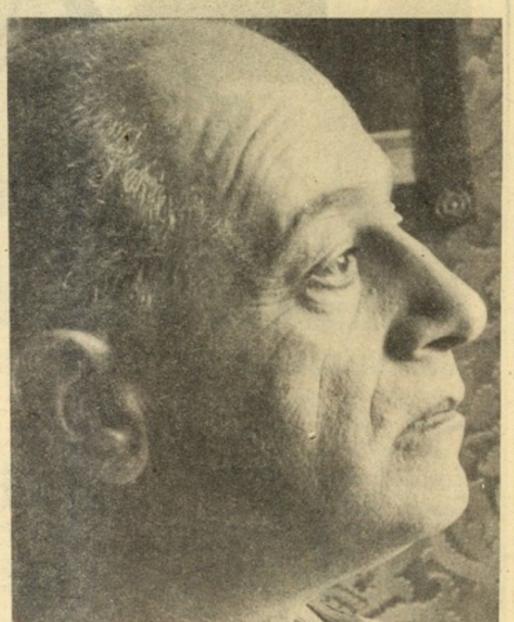
— Quero — diz-nos — fazer boa figura, e, para isso, trabalharei com afinco.

Desejamos boa viagem à jovem pianista e, já na escada, ainda ela nos diz do patamar: — Olhe que hei-de estudar! O piano é insaciável!

DIZ ALVES DA CUNHA:

Em matéria de cinema, não saímos dum amadorismo incrível!

FOMOS interromper Alves da Cunha, debruçado sobre o seu papel de arquiúque honrado até à loucura, na peça que em breve subirá à cena no Nacional. Prova casacas, despe calções, experimenta medalhas e «desafia» a espada. Alves da Cunha, no meio da confusão, porque o tempo gaíga o espaço, pergunta-nos então ao que vamos e nós logo lhe atiramos a primeira pergunta: — Mestre Alves da Cunha, dizem que vai fazer cinema? O artista sorri, despe a casaca e responde: — Ora, ora, meu amigo, eu posso lá fazer cinema!...



— Mas não se disse que ia fazer a Espanha o D. João IV, no filme «Inês de Castro»? — Disse-se, talvez porque de facto o Leitão de Barros me fez convite a que eu respondi opondo-lhe uma condição forte: só por cem contos!

— E é? — Fez-me uma contra-proposta de vinte... — Portanto... — Val o Barreto Poelra fazer o D. João IV. — Então, e a respeito do «Marquês de Pombal»? — O Leitão de Barros sempre sonhou fazer comigo esse filme. Mas não faço. Creio que o meu colega Raúl de Carvalho foi convidado e que o convite foi aceite.

Lembrámos, então, que Mestre Alves da Cunha, hoje o nosso mais representativo actor do teatro sério, um professor do Conservatório que sabe de teatro e que tem público como nenhum outro actor, está talvez condenado a não fazer cinema para os portugueses. O intérprete de tantas magníficas tragédias, vida que vive em cada figura que leva para o palco e onde palpita uma humanidade que está na plateia porque é um reflexo da verdade humana de cada um de nós — volta a sorrir de ironia:

— Posso afiançar-lhe que a gente do nosso cinema não tem grande interesse em trabalhar comigo. Não saímos ainda, não obstante termos já duas dezenas de longos anos de experiência, de um amadorismo incrível, de uma ignorância infantil. E quando os actores vêm dois dedos adiante do nariz, os técnicos desgostam-se.

— Está então descrente do cinema português? — Não lhe quero dizer isso: estou descrente dos homens que fazem cinema em Portugal, porque eles preferem fazer mal, a arriscar-se a grandes despesas. Pois não há aí quem pague um conto de réis por semana às vedetas, com um encargo de seis e sete horas de trabalho diário?

— Nunca fez cinema? — Fiz. No Brasil e em Portugal. Mas aqui, quasi sempre, não fui apenas o intérprete. Permitti-me a audácia de ser tudo no filme, nos primeiros tempos do cinema português. Refiro-me a um documentário do Ministério da Agricultura sobre o carbúnculo. Até fiz o argumento, imagine. Um dia cheguei ao Ministério e disseram-me: aqui tem um velho, um garoto e uma vaca. Com isto, faça compreender ao povo como se propaga e combate o carbúnculo. Vim para casa, pus-me a estudar e fez-se o filme, que teve morte prematura, pois ardeu...

— E filmes de arte? — Tive, por exemplo, intervenções na «Maria do Mar» e no «Feticço do Império». — E ficou, então, tão desiludido que não quis fazer mais cinema...

— Quem lho disse? Isso já é ir longe de mais! Desde que a minha intervenção não constitua exclusivo benefício da algebeira alheia, claro que passarei a constatar as realidades do cinema português, sem todavia deixar de tentar

melhorar o seu nível de produção. Mas eles não querem! Você está enganado, meu caro, eles não querem artistas que se façam pagar pelo seu justo valor e, ainda por cima, lhes digam diante das provas dos seus erros: «Tem paciência, filho, mas isto está tudo ao contrário!».

A Maria, a sereníssima e hábil costureira de mestre Alves da Cunha, anda há que tempos ali de um lado para o outro. Já por umas poucas de vezes a surpreendemos a fazer tagatés para significar que é preciso provar outra casaca — mas nós não nos ralamos nada. E ainda atiramos com outra pergunta ao intérprete de «D. Quixote»:

— Que prefere: o teatro ou o cinema? — O teatro é a minha arte. O cinema é a ciência dos outros. Já vê... De roldão, cal em cima do «maple» do camarim uma anfiada de calças e coletes. A Maria intervém delicadamente: — Está tudo à sua espera, sr. Alves da Cunha. E lá deixámos o artista a enfiar uma camisa que não será de onze varas — mas de puro aristocrata da corte dos czares de todas as Rússias, incluindo aquela que vamos reviver no «Tovaritch»...

As artistas ensaiam

O ensaio das coristas é sempre a parte mais difícil e demorada da montagem de uma revista. Elas entram em quasi todos os números e, para isso, têm de aprender dezenas de marcações diferentes e decorar número igual de «refrains» para cantarem em conjunto com a «chefe de quadro». Aqui as vemos, juntamente com a parolha de baile, ensaiando alguns números da nova revista «O Jogo do Disbo».



UMA "FERIE" DE NEGROS

Nas revistas, nas fantasias, no «music-hal» americanos, os negros têm sempre um papel preponderante, por que além de bons bailarinos e de esplêndidos músicos e cantores, transportam ainda, para o tablado, momentos da sua própria vida, dos seus usos, dos seus costumes, proporcionando ao público de Nova York, espectáculos de agrado certo.

Esta foto que aqui se reproduz mostra-nos um momento da «ferie» que maior sucesso está fazendo nos palcos da maior cidade do mundo. É uma revista unicamente interpretada por negros, negros autênticos, e a sua maior curiosidade consiste em que nela assistimos ao julgamento de um branco, acusado de «envenenador da civilização».



Gina Esteves quer ir para o teatro, mas o pai não deixa!...

ARTISTA bem conhecida da Rádio, teve, como muitas outras, desejo de tentar o cinema. Intimamente, pensou como seria bom rever-se na tela, apreciar a sua vocação e admirar a sua voz, sincronizada com a movimentação que a técnica cinematográfica exige. Há tempos, o coração palpitou-lhe mais forte: Artur Duarte, à procura da «Menina da Rádio» (mais um reclame gratuito...), apareceu na E. N. detendo as suas vistas para as raparigas da «Hora de Variedades» e para o bem afinado quarteto vocal feminino. Não se dirigiu a nenhuma delas, mas Gina Esteves (o bilhete de identidade diz que ela se chama Maria Guilhermina da Silva Esteves...) veio a saber que Artur Duarte a fixara em especial, anotando-a como uma possível candidata à protagonista do referido filme. Não fora tudo, afinal, mais que um sonho. Artur Duarte não a chamou e, passados dias, surgiu definitivamente, a «menina» desejada...

Certamente, uma decepção tremenda. Aos 17 anos, estas comições causam grande abalo. Ruem castelos de projectos e vão-se por água abaixo outras pretensões que se embalavam docemente... — E daí — quem sabe? — talvez a Gina não tenha desgosto profundo...

— Não tive, não. Fiquei satisfeita com a perspectiva do filme, mas quando soube que havia candidatas com mais possibilidades, não me desgostei. Creio que era um pouco mais alta do que o exigido. — Gostaria de interpretar a «Menina da Rádio»? — Francamente lhe digo que não. O género que eu ambiciono, se tiver algum dia de fazer cinema, é o género musical. Adoro os filmes musicais, sabe?

— Calculo. Gostaria de ser a Deana Durbin cá da terra?... — Oh! Não. Seria muito simplesmente a Gina Esteves. Não quero imitar ninguém, ainda que a Deana seja uma artista da minha simpatia.

— Bom! E a respeito de teatro? — De teatro?... — Ora, não faça uma cara tão assustada... Diga-me: gosta mais de teatro ou de cinema? — O bonito e galato sorriso da Maria Guilhermina, ilumina-lhe o rosto...

— Gosto muito de cinema. Mas o teatro também me encanta; mentir-lhe-lá se dissesse o contrário... — Não minta, porque é feio, e uma mentira nos lábios dum rapariga bonita é um grande pecado... Você, neste momento, tem um pesinho dentro dos bastidores...

— Pois seja. É verdade. Já recebi dois convites. Por mim... — Espere... De onde foram os convites? — Do Apolo e do Avenida...

— Continue. — Por mim, não há inconveniente nenhum. De mais, que os papéis a interpretar seriam cantados.

— Sem «gorgoleio», é que você não faz nada... — Claro. Como arte, satisfaz-me também o teatro.

— E... como remuneração?... — Num dos teatros, não me propuseram honorários; eu que pedisse... Noutro, sim... — Então, quando se estreia? — Ih! Que apressado que vai. Eu disse-lhe que por mim não havia inconveniente... Mas há por outro lado...

— Sério? «Eles» não quer que você se teatralize?... — «Eles»? Qual «eles»? Ah! O meu pai! Exactamente... Não põe uma resistência por aí além, mas não está muito de acôrdo em que eu pise o palco... Espero que ele, dia a dia, vá cedendo...

— Tem razão para esse optimismo? — Quando foi da minha estreia na Rádio, eu sei bem quanto custou a convencê-lo. Hoje, é o meu adepto mais entusiástico. Com a idéia do cinema também franziu a testa e, depois, concordou. O mesmo há-de suceder com o teatro...

— A Gina vai, então, prestar-nos um favor... Logo que o pai tenha levantado o cerco feito à sua pretensão, comunica imediatamente...

«Ontem, à tarde, já quasi com a Revista a entrar na máquina, o telefone retiniu aflitivamente. Do lado de lá, conhecemos a voz de Gina muito acodada: — Está lá?... Ah! É você? Naturalmente para a semana já lhe dou a notícia em cheio... Eu continuo a telmar, o pai continuou a não querer, mas as suas forças estão a ceder terreno a olhos vistos...

GRAÇAS HISTÓRICAS

UMA OPINIÃO:

PEDIRAM a Yerik, famoso jornalista italiano, a sua opinião sobre uma atriz.

— Sim... Lembro-me de tê-la visto em «A Bela e a Fera».

E maldosamente, concluiu:

— Mas não fazia a bela...

SEGRÉDO

Um dia, Toscanini dirigia uma grande orquestra em Nova York, durante um ensaio em que Geraldina Farrar cantava. Subitamente, o maestro deteve a música para fazer uma observação à cantora.

— Saiba que sou uma grande artista! — respondeu-lhe ela, indignada.

— Muito bem. Não direi nada a ninguém, minha senhora — retrucou Toscanini, impassível.

SOLUÇÃO

O célebre advogado Lokhvitzki defendeu e ganhou a causa difícilíssima de um seu cliente. Este, cheio de alegria, foi procurá-lo:

— Oh, meu caro doutor, como poderei demonstrar a minha imensa gratidão?

— Meu amigo — respondeu o advogado tranqüilamente — depois que os fencios inventaram a moeda, essa pergunta tornou-se inútil...

MUTISMO

Léon Daudet, no Parlamento francês, terminava o seu discurso acusando os deputados por não terem tratado certos assuntos de importância durante o período em que a Câmara funcionara.

O deputado Saumande, que durante quatro anos não abriu a boca nem para dizer apoiado, exclama:

— De quem foi a culpa?

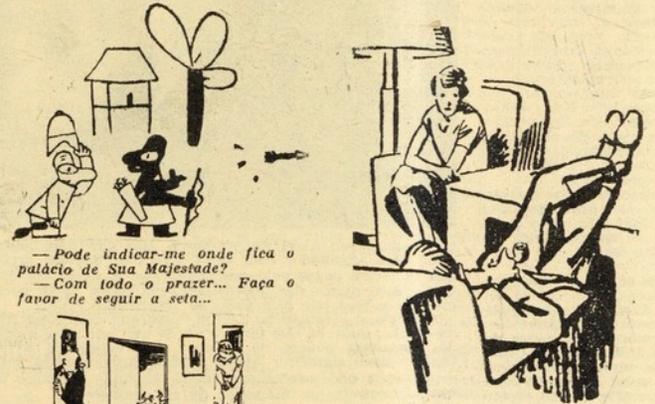
Daudet olha-o com fixidez:

— Enfim, falou! E voltando-se para o abade Wéterié, acrescenta:

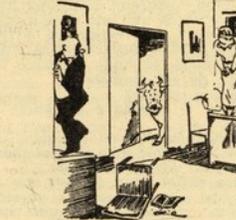
— Padre, ministre-lhe a extrema unção!



— Perdão, minha senhora, mas não era esse o chapéu que V. Ex.ª trazia naquela noite em que eu não consegui ver «E tudo o vento levou?»...



— Pode indicar-me onde fica o palácio de Sua Majestade?
— Com todo o prazer... Faça o favor de seguir a seta...



— At esta no que deu a tua mania de deixar sempre a porta aberta!

— Erás muito mais gentil quando estavas morto...
— Claro que sim! A mim nunca me agradaram as mulheres casadas.
(De «Leopians», B. Aires)



— Quem sabe se este terramoto não nos dará um ótimo «cocktail»?...

BOA RAZÃO

— Porque chega o senhor tão tarde ao escritório?

— Tive uma fatalidade. Ao sair de casa, rolei pelas escadas abaixo!

— Mais uma razão para estar aqui mais cedo!

HERANÇA

— O velho Fagundes morreu e deixou tudo para o asilo dos órfãos.

— Quanto deixou?

— Dez filhos...

NA CARRIS

Nos escritórios da Companhia apresenta-se um homenzinho a solicitar emprego de condutor.

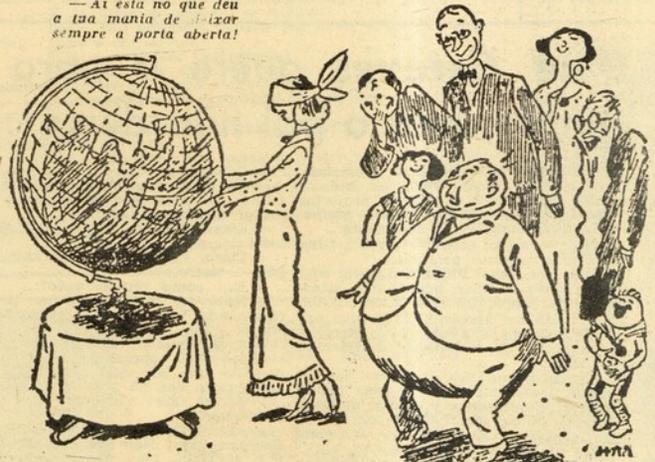
— Que fazia antes? — perguntam-lhe.

— Era empacotador de sardinhas.

— Está empregado!

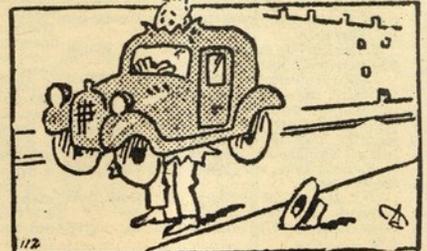
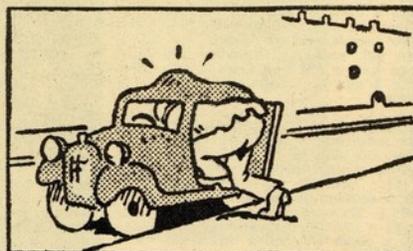
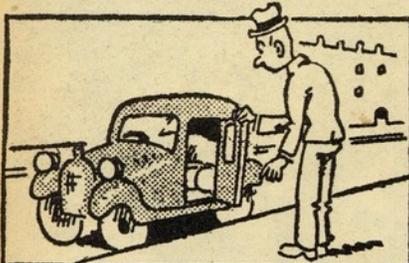


— O senhor não está vendo em duplicado. E que somos gêmeos...
— Os quatro?...
(De «Marianne», Paris)



— Ora, quem não havia de descobrir! É o senhor Smith!
(De «Lustige Sachsen», Leipzig)

Vantagens e desvantagens dos carros pequenos...



A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

A escola do jornalismo,



E um moço, éste D. Javier Martínez de Bedoya, director geral das Obras Sociais e de Beneficência do Ministério do Interior, membro do Conselho de La Hispanidad, para a fomentação das relações espano-americanas e do Instituto de Estudos Políticos, destinado a investigações sobre a arte política — e desde há pouco addido de imprensa à embaixada de Espanha, em Lisboa. Quando perguntamos ao autor de «D. António Maura, ministro de la Governación en 1902» e de «Antes que nada, política» — um livro que teve honras de intensa discussão — se tem um programa de trabalhos a realizar no cargo de que acaba de ser investido. Martínez Bedoya diz-nos que sim:

— E em que se baseia esse desejo do embaixador espanhol?

— Em obter uma mais estreita — ou larga — convivência entre jornalistas portugueses e espanhóis.

— Acredita que os resultados correspondem aos propósitos determinantes da sua acção?

— Por que não? Acredito absolutamente nas razões do nosso entendimento. A península ibérica corresponde a uma medalha de alto valor internacional. E, como todas as moedas, não obstante ter duas faces — um verso e um reverso — cada uma com suas características, forma um todo indivisível.

Perguntamos a D. Javier Bedoya que impressões colheu já do nosso jornalismo, e ele responde:

— Dentro de todos os compreensíveis condicionalismos, não se podia fazer melhor. O jornal português é feito com um largo sentido de vivacidade. A notícia é muito viva e concisa. Acho que domina principalmente nesse aspecto, ao contrário de nós que nos alongamos e não comunicamos essa espécie de trepidação à pequena notícia-reportagem.

E, como estavam a falar com um jornalista — o nosso entrevistado escreve em «El Español» e colabora no «A. B. C.», sendo até há pouco professor na Escola de Periodismo — perguntamos como funciona esse organismo criado pela política de Franco. Eis a resposta:

— Creio que encontramos o verdadeiro caminho para fazer jornalismo sério, disciplinado, responsável e consciente. O curso é de três anos e nele ingressam somente indivi-

em Espanha, descrita pelo addido de imprensa à Embaixada espanhola

duos de ambos os sexos, que tenham ido parar às redacções dos jornais e que, tendo dado boas provas no regime de colaboração, possam ser indicados pelos directores desses jornais. Na Escola há duas classes: uma de cultura geral, onde se aprende música, etc. A outra é técnica, com aulas de tipografia, estudo de jornalismo comparado. Temos um pequeno diário interno, feito pelos alunos.

— E tem alguma subvenção especial?

— Os pobres têm ordenado, os ricos pagam mensalidade... Sessenta por cento recebe pensão do Estado.

— E são muitas as matrículas? — Mais ingressariam, se não fosse a rarefação exercida na prática dos jornais, fora da escola. O jornalismo é hoje magnificamente pago, de modo que muitos rapazes de boas famílias o procuram como se a carteira que lhes é concedida fosse um bom diploma de curso superior.

— E os jornalistas que já existiam?

— Os que já trabalhavam nos jornais com um mínimo de dois anos ficaram nas condições criadas para os novos. Mas mais ninguém pode entrar para um jornal, sem ter cursado a Escola de Periodismo.

— E todos obtêm colocação?

— Uns vinte jornalistas são anualmente considerados prontos a receber a carteira. Se nem todos tiverem a sorte de ser requisitados pelas direcções dos jornais, voltam a repetir o curso em regime de assalariados ou, se preferem, podem trabalhar cá fora em regime de colaboração.

— Portanto, o meio comporta tanto apuramento de valores?

— Comporta. De resto, a fixação de ordenados mínimos bastante elevados, fez aluir as pequenas empresas que não podiam fazer bons jornais. Essas publicações eram uma exploração do público que era ludibriado, ao comprar um jornal de qualidade inferior. Por outro lado, foi fixado aos jornais um quadro mínimo de jornalistas, o que contribuiu para que ficassem só os jornais solidamente organizados.

E D. Jimenez Martínez Bedoya termina assim a sua entrevista, que é a primeira concedida em Portugal:

— Mas não queira saber mais! O melhor será que os jornalistas portugueses vão a Espanha! E isso há-de acontecer, porque projecto muitas dessas viagens de intercâmbio. Todos teremos a lucrar, se os jornalistas portugueses forem a Espanha e os espanhóis vierem a Portugal...

NOTAS RÁPIDAS



Na Faculdade de Direito, procedeu-se à entrega do prémio «Direito Público», concedido ao antigo aluno sr. dr. João Moreira da Silva, autor do livro «A personalidade do criminoso e a graduação judicial da pena». A sessão foi presidida pelo Prof. Doutor Fernando de Almeida da Silva que se vê na foto, quando entregava o prémio ao sr. dr. Moreira da Silva.



Recentemente, nos salões da embaixada brasileira, a Ala do Império realizou um espectáculo dedicado ao sr. dr. João Neves da Fontoura com um programa constituído por autos vicentinos e poesia portuguesa. Prestou a sua colaboração o prof. Carlos de Sousa, do Conservatório Nacional, com os seus alunos. A fotografia mostra o senhor embaixador com os componentes da Ala do Império e pessoal da embaixada no «Pórtico de honras» que foi oferecido aos visitantes.



A actividade intelectual da colónia francesa no Pórtico mantém vivo o seu facho luminoso. No mundo do espírito, a França procura não perder o seu lugar de incontestável relevo no concerto das relações luso-francesas, e a última recepção dada no Instituto Francês da capital do norte pelo «Comité Artistiques» foi bem uma afirmação dessa mesma fraternidade.



O director geral da Sacony-Vacuum, sr. engenheiro A. Pinto Basto, foi, há dias, homenageado pelos funcionários daquela companhia. Na foto, vemos o homenageado rodeado de empregados superiores daquele organismo, e de membros da sua família, também envolvida na homenagem prestada ao sr. Pinto Basto.

Um ano no comando da G. N. R.



Passou há dias o primeiro aniversário do sr. general Carlos Maria Ramires, no alto cargo de comandante da Guarda Nacional Republicana. O mundo militar e em especial, todos aqueles que trabalham sob a orientação do ilustre oficial, não esqueceram aquela data, tendo-lhe prestado expressiva homenagem. Na foto, vemos o sr. 2.º comandante da G. N. R., quando saudava o sr. general Ramires, em nome da officialidade daquela unidade militar.

FUSÕES EM SÉRIE...

ESPERAR uns pelos outros, não por requinte manifesto de gentileza, mas por receio de errar, — eis uma das facetas indiscutíveis da gente lusa. Aguarda-se que A, possuidor duma idéa gêmea de B, se decida a dar-lhe corporização, para ver se merece a pena imitá-lo. O A resolve-se, num rasgo de audácia, farto também de esperar que o B se mexesse. A iniciativa, quer se trate de negócio puramente comercial, quer de função intelecto-espiritual, cai em bom terreno e singra vitoriosa. No primeiro caso, o dinheiro entra em caixa, tilintando alegremente. No segundo, pauta-se a inteligência do audacioso, exactamente pelo volume da sua audácia. Claro, que não se pode, de um êxito ou de um fracasso, dissociar a palavra **SORTE**, e está bem que assim seja, porque a vida é uma roleta...

Admitamos, por comodidade própria e até por correspondência à verdade, a idéa do êxito. Deixemos igualmente de parte, tudo quanto possa relacionar-se com negócio, pressupondo transacção, ou função intelecto-espiritual, pressupondo finalidades académicas...

Fixemo-nos no capítulo desportivo. Voltemos duma braçada ao passado, para elucidação dos coévoos.

Há anos, falar duma fusão entre agremiações de desporto, era um escândalo, maior até do que o provocado por Galileu!... Invocavam-se pergaminhos, conquistados à custa de lutas insanas, apontavam-se troféus, cada qual com sua história gloriosa, jámalis podendo fundir-se com outros menos valorosos, menos gloriosos e obtidos com uma menor parcela de sacrifício e de suor... Se preciso fosse, convocava-se uma assembléa geral, onde oradores fluentes, pujantes de seiva e convicção, reduziam a cinza a idéa da fusão e o seu proponente...

Isto era dantes... Mudaram os tempos. Evoluíram os espíritos e reviram-se os interesses. Dois clubes grandes, muito populares, mas sofrendo sérias vicissitudes, deram-se as mãos, fundiram num os seus destinos, não sem que, preliminarmente, as discordâncias attingissem a oitava acta... Mas venceram. A vida, é incontraformosa, corre-lhes melhor. Cambiantes mais vivas, horizontes mais rasgados, — e ainda se está no Desporto. Eles, que se decidiram, deram o exemplo. Passaram a ser um modelo, a tentar imitação. O êxito, visível, era um convite. Praticamente: dissiparam-se as hesitações!...

De Paço de Arcos, vem a nova da fusão de três clubes locais. Prevaleram ainda certos pruridos, mas chegar-se-á a bom pórtio.

Em Oeiras, as duas colectividades existentes, pensam em entre-lacá-las-se.

De Almada, há indolência duma fusão entre o Pedreirense e o Almadaense, vista com agrado pelos desportistas locais. E por último, sujeita aos vai-véns dos que são «prós» e dos que são «contra», agita-se cada vez com mais insistência, a ligação Chelas-Fósforos-Marvilense, três nomes conceituados, que vivem paredes meias, mas que por isso mesmo, pese aos incorformados, — se estrangulam. Poderá colocar-se a dúvida de que, fusionados, nasceria um baluarte poderoso do lado oriental de Lisboa? Temos a certeza que não! E até prova em contrário, — difícil de conseguir, certamente... — o precedente aberto pelo Caravelinhos e o União, é uma sólida garantia de sucesso. As fusões, estão pois, na ordem do dia e começam a ser em série!...

Apetece perguntar: quais são os clubes que se seguem?!!!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

DAQUI É DALI

Antigamente a época carnavalesca era de deféso para o desporto. Os atletas tinham campo livre e davam largas ao seu espírito folgazão. Passada a folia, alguns tinham perdido a «forma» e acusavam ênervamento as noites perdidas... Hoje, o panorama é diferente. O Carnaval extingue-se na saúde dos tempos e as manifestações desportivas ocupam o domingo gordo. O Campeonato de futebol não é interrompido, já lá vai uma meia d'kita de anos. Os futebolistas têm de guardar todo o cuidado com a sua integridade física, para não estarem a produzir o melhor do seu esforço. Para alguns, é indiferente; para outros, um suplicio. Já dizia o outro: estudo mudou. Bons tempos, meu patrão!.

Consta-nos que vão organizar-se de novo, sessões internacionais de «box». E os amadores? Quando de monumentalão? A Associação de Pugilismo de Lisboa talvez possa responder Ou talvez não...

Mais campos de futebol interditos. Com carácter sensacional, coube agora a vez ao Vitória, de Setúbal. Todavia, é oportuno, por curioso, re-

ferir, que os jogadores «leoninos» foram recebidos com cavalheirismo!...

O Lisboa Ginásio Clube, segundo as informações que possuímos, organizará este ano, um sarau ginástico no Pórtio.

Estão de parabéns os desportistas norteños.

Pensa-se também realizar este ano em Lisboa, um grande concurso de ginástica, para apuramento do campeão nacional da especialidade, com a comparação de todas as agremiações portuguesas.

Os jogos de futebol Lisboa-Sevilha foram substituídos por encontros com o Pórtio e Viseu. Do mal o menos...

O «rugby» modalidade que já teve entre nós uma apreciável expansão, parece que se reanimará, mercê da boa-vontade de alguns clubes.

Desejamos que da boa-vontade se salte à realidade. Mas no mesmo tempo, lembramos que uma das possíveis causas do estagnamento do «rugby» se filla no facto dos campos continuarem a ser temosadamente «carecass»...

O «cross-country», desporto de inverno, será este ano «usado» no verão?

Uma defesa permanente contra as bactérias terá V. Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentifrica com Sulfamida

O Sargento

JOE LOUIS

Os jornais noticiaram há dias, que o campeão do mundo de «box» Joe Louis, actualmente servindo no exército norte-americano, ia fazer demonstrações, para os soldados do seu regimento.

Entrevistado por um jornalista de Washington, Joe Louis fez afirmações curiosas.

Começou por declarar que a sua vida de tropa é regularíssima. Faz os exercícos considerados obrigatórios à actividade militar, que embora sendo violentos lhe permitem ainda dedicar-se à ginástica adequada à sua especialidade.

— Mantenho rigorosa observância de tudo quanto possa beneficiar-me. Tenho sempre presente a idéa dum combate de importância, próximo. Entendo que um pugilista profissional e com as responsabilidades que sobre mim pesam, não pode afastar-se um segundo que seja, das normas correctoras duma boa «forma».

— Mas os combates fazem-lhe falta — objectou-lhe o jornalista.

— Sim. Mais ainda os meus treinadores. Vou-me governando, porém. Aqui no regimento há rapazes rijos, todos mais ou menos sabendo «box», com os quais «discuto» amiavelmente. E sabe? A sombra também é uma óptima aliada!...

Com bonomia, Joe Louis informa: Há dias, fiz um combate com um antigo lutador: George Nicholson, primeiro sargento.

— Quem ganhou?...

Louis sorri:

— Isso não interessava. O que interessava era «box»...

O entrevistador conta que Joe Louis ganha 10 libras, é muito delicado e atencioso, e goza de grande simpatia — é natural!... — entre a soldadesca. Um comentário saboroso: Joe Louis tem óptimas condições físicas para ser um bom soldado!...

— Qual foi o seu combate mais duro?

— Contra Max Baer, mas ele não me matou.

Apesar de negro — e sabe-se bem o que na América significa ser negro... — Joe Louis nunca discute a questão racial, nem ninguém, sinceramente, se lembrou do pormento...

Todos lhe querem, desde as praças aos oficiais.

Então, o campeão do mundo, que as agências telegráficas comunicam ir de frente o campeão inglês dos meios-pesados, (condição primacial; o combate ser disputado em Inglaterra) cumpre o seu dever de cidadão norte-americano, vive feliz e satisfeito, e espera ainda, segundo ele próprio declarou, ganhar mais algumas boas bólsas!...



Joe concede autógrafos, no hospital



No seu regimento, o 366.º (regimento negro), todos querem também a sua assinatura



Joe conversa com os companheiros em convalescência dos ferimentos recebidos no campo de batalha.

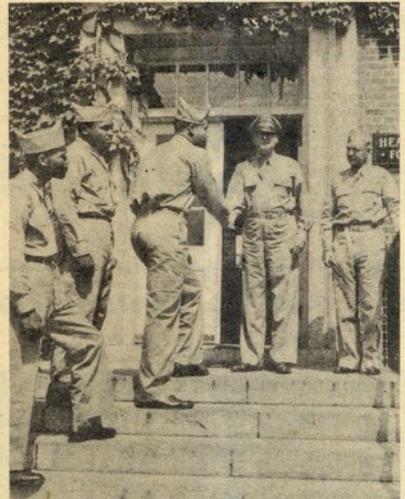
O «UNIDOS» vai ter um Estádio?

De harmonia com as disposições do Decreto que criou a Direcção Geral dos Desportos, todos os clubes da 1.ª Divisão deverão possuir campos relvados e as correspondentes instalações até ao dia 31 de Agosto de 1945.

Por isso mesmo e porque o Unidos F. C. deseja iniciar uma obra de vasto alcance social que sirva aos empregados da CUF e suas famílias, pelo desenvolvimento da cultura física, sabemos que a Direcção do referido clube vem trabalhando activamente para que, tudo se ultime na hora própria, conseguindo um benefício que se não reflectirá apenas no meio em que actua mas honrará o desporto português.

Segundo essas informações, o parque de jogos do Unidos compreenderá, além do campo de futebol, parques para recreio das crianças, «courts» de «ténis», campos de «basket», piscinas e, possivelmente, uma pista para ciclismo.

Já estão assegurados os serviços de um competíssimo professor de educação física, cujo nome não revelamos ainda e que tomará posse no próximo mês.



De manhã, no Forte Devens, o comandante cumprimenta cordialmente o campeão do mundo.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

Está em Lisboa um português

que trabalhou
nos Estudios Sul-
-Africanos



Sob a direcção do cineasta, Joseph Steiner, António de Sousa filma nos estúdios de Johannesburgo.

— Fui aviador da R. A. F., combati no deserto da Líbia, estive no Egipto com as tropas Sul-Americanas. E sempre, na minha frente, as câmaras cinematográficas, pois está bem de ver que foi, para efeitos cinematográficos, que me «desloquei» a essas regiões, reconstituídas nos estúdios...

António de Sousa conta-nos a sua maravilhosa aventura. Português de gema, safu um belo dia de Angola, para Johannesburgo, com o sonho de consagrar-se à actividade cinematográfica. Mas vale a pena ouvi-lo: — Tive sempre a paixão da Sétima Arte. Adquiri um pequeno «Kinamo» e fiz uma longa aprendizagem, antes de me aventurar no profissionalismo. Percorrendo Angola, ganhava, dia a dia, novos motivos de interesse. Perante cenários tão belos, ante paisagens de maravilha que nos rodeiam, senti uma vontade imensa de me dedicar ao cinema para gravar no celuloide tanta beleza ignorada, e revelar ao mundo o que o mundo desconhece.

«Empreendi, nos jornais, uma campanha com esta finalidade! Toda a Imprensa a acolheu com simpatia e a secundou com o maior entusiasmo. A minha visita a Portugal, depois de alguns meses de estadia em Johannesburgo, prende-se com este sonho. Se bem que as forças vivas de Angola estejam dispostas a colaborar materialmente na realização desses filmes, queria ver se, por parte das estâncias oficiais competentes, conseguia o auxilio e as facilidades indispensáveis.

— Como foi parar aos estúdios de Johannesburgo? — Duma forma muito curiosa. Durante uma das minhas estadias em Portugal, realizei um pequeno documentário sobre as «Amendoieiras em Flor». Ora, como já disse, a minha ambição é ser operador de imagens. Pensei que uma aprendizagem eficaz só seria possível num grande estúdio. Lembrei-me então de ir para a África do Sul. Enviei para a «Alpha Film Studios» o documentário de que lhe falei e solicitei o lugar de assistente de operador. Dias depois, recebia uma carta amabilíssima — e parti.

— E foi bem recebido? — O melhor possível. Encontrei ali o melhor ambiente e a melhor camaradagem. Permito-me destacar alguns nomes: Mrs. Box, director comercial; Francis G. Erwin, director-geral e editor dos filmes. Steiner e Keirtein, realizadores, e primeiro com uma longa prática nos estúdios da Fox em Hollywood, e segundo figura destacada nos estúdios de um país do norte. Mas acima de todos, devo inquestionavelmente ao chefe-operador de imagem S. Stasin, que me ensinou todos os segredos da profissão, desde os problemas da iluminação até aos efeitos de trucaagem.

«Ao fim de pouco tempo, tendo adoecido um operador, fui forçado a tomar inteira responsabilidade nos trabalhos de uma produção em curso — e saí-me bem!».

António de Sousa mostra-nos uma carta oficial da «Alpha Film Studios», onde se lê, a certa altura:

«Ele «assistiu» o nosso principal pessoal de produção de filmes e teve frequentes oportunidades de sair-se com êxito em trabalhos de filmagens de interiores, técnicas, filmes mais luxuosos. Mitchell e efeitos especiais.»

— Mas como se tornou actor? — Não dá muita importância a essa faceta da minha actividade. Limitei-me a desempenhar pequenos papéis, por curiosidade e amor ao cinema. Mas saí-me, menos mal, quer na pele de Romeu, — num filme baseado na obra eterna de Shakespeare — quer ainda na de oficial da Royal Air South African Force.

E a demonstrar o apreço em que tiveram o seu trabalho, António de Sousa mostra-nos a carteira que lhe foi oferecida pelos cineastas sul-africanos, adornada por uma fiaca de prata, onde se lê: «To — António de Sousa — from the staff of Alpha Film Studios (P. T. Y.) Ltd — Johannesburg — 16-43». E assim honraram ao subdito do mais velho aliado da Inglaterra, como eles sempre o apresentavam a todos os visitantes do estúdio e aos artistas.

— Projectos, por agora?! — Se não conseguir, desta vez ainda, o apoio necessário para realizar os documentários sobre Angola, regressarei novamente a Johannesburgo, a continuar a minha aprendizagem — e esperarei melhor oportunidade de poder efectivar o meu sonho.

Fala-se da África do Sul, do extraordinário incremento que a cinematografia ali está tomando, das salas que se inauguram constantemente, cada vez melhores, cada vez mais luxuosas. Johannesburgo está em dia com a produção americana e vê os filmes, mal eles salem dos estúdios.

António de Sousa reafirma o seu programa de acção: Voltará novamente para lá, se não conseguir obter o apoio de que necessita. E é possível, que tornemos a ouvir falar dele, daqui a alguns anos, mas então como um técnico de incontestável categoria mundial. As provas prestadas, em tão curto espaço de tempo, permitem-nos acalentar a esperança de que assim suceda.

O FADO EM ESPANHA

ESTA foi-nos contada pelo óscar de Lemos. Garante-se, portanto, a sua veracidade.

Um belo dia, em Barcelona, óscar, para espalhecer as saudades, foi de longada até um cinema. A fita não era grande coisa, mas sempre havia as «variedades da noite», as «atracções no palco», que fazem parte dos programas cinematográficos dos grandes cinemas.

Seguiram-se vários números e a certa altura, óscar de Lemos ouviu estas palavras, que lhe pareceram um sonho.

—...E agora, a vedeta tal vai cantar um fado português!

O óscar deu um salto na cadeira e

apurou os cinco sentidos! Um fado?! Nem de propósito...

A vedeta — uma espanhola — entrou e, com o modo gingão da Herminia Silva, e à sua maneira, saudou a assistência com um lusiada «Eh! Pá!..», de ressuscitar um morto.

Aquilo prometia. Daí a momentos, o óscar esperava o tradicional fado da Mouraria, com todos os matadores. Mas qual?! A «fadista» ateceu o «Tirol-ro» e, por uma hábil transição, passou, logo a seguir, dentro do mesmo número, para o «Mamá eu quero!»...

A assistência delirou — e pediu «bis».

E foi assim que o óscar ouviu um fado português, em Barcelona!

FRENTE ÚNICA!

A propósito da necessidade de disciplinar a produção cinematográfica nacional, dissemos, no nosso último número, que um dos caminhos para conseguir chegar rapidamente a uma solução satisfatória, estaria, sem dúvida, na união dos produtores em entidade que poderia ser, por exemplo, o Grémio Nacional dos Produtores de Filmes.

Não é nova, evidentemente, esta ideia — e já foi agitada, há alguns anos. E, se então, houve que abandoná-la, o facto teve apenas a sua origem na escassez de entidades produtoras, circunscritas, nessa data, a ex-Tobis — e pouco mais. O Grémio não se constituiu, por falta de número.

Hoje, as circunstâncias mudaram. Há várias firmas produtoras, com carácter de continuidade e de permanência. Estão dois estúdios a funcionar. A Cinelândia adquiriu terrenos no Lumiar, e vai também erguer a sua fábrica de filmes. O cinema português deixa de viver à margem das contingências de momento, para se apoiar em valores de raiz — numa completa mutação económica e industrial.

A este esforço da iniciativa particular têm forçosamente que corresponder vantagens e merecimentos oficiais. O cinema português necessita de protecção. As leis existentes, tendentes a cuidar dos seus destinos, foram redigidas numa fase incipiente da indústria, sem se apoiarem na experiência dos factos e no estudo minucioso das suas possibilidades e capacidade de realização. Daí terem resultado inexecutáveis. E salvo a redução do imposto único, poucas medidas proteccionistas eficazes amparam hoje a cinematografia nacional.

Clama-se na Imprensa que é necessário dar à Cinematografia Nacional a protecção que merece. Pela nossa parte, temos feito tudo com todas as vozes bem intencionadas. Mas entendemos que é urgente estudar o problema sob todos os aspectos e apresentar a quem de direito, um programa de acção, sem utopias e sem desvalores, dentro das realidades que a prática aconselha — um programa exequível, sem outro sentido que não seja o de dar maiores possibilidades a uma indústria de tão grande projecção, e de interesse nacional.

Cabe aos produtores, unidos e agrupados estudar o problema em toda a extensão. Apresentadas, oficialmente, em nome da indústria, as sugestões das medidas julgadas necessárias, o Estado teria a garantia de que não haveria interesses isolados em jogo — mas apenas a situação real de uma actividade que busca a sua inspiração e o seu destino, há dez anos, com uma pertinácia que lhe dá direito a exigir protecção justa e eficaz.

Todos os esforços, no sentido de obter para o cinema português a legislação de que carece, levados a cabo nos últimos anos, ruíram justamente porque não foram fruto de um estudo consciencioso e porque tiveram sempre o ar de descarrado de solicitação de benesses pessoais, fazendo tabela na protecção à indústria...

Mas a protecção não pode ser concebida apenas de fora para dentro, porque, para ser profícua e útil, tem que se apoiar numa regulamentação interna, tendente a prestigiar as indústrias sob todas as formas. Há que exigir aos produtores o mínimo de garantias, tendentes a acabar com as aventuras que ultimamente têm ilustrado a crónica p'careca da produção nacional. Se todas as actividades, comerciais e industriais, estão sujeitas a condicionamentos e exigências de ordem vária, o cinema não pode, sem grave prejuízo do seu futuro, eximir-se a elas. O problema está agora em fixá-las nos justos limites, deixando a indústria aberta a todas as iniciativas honestas, sob o ponto de vista industrial.

Esta seria a missão principal do Grémio Nacional dos Produtores de Filmes. E, hoje não se compreende, em boa verdade, a sua inexistência. Dentro do Estado Corporativo português, estão representados, em Grémios, as actividades de Exibição e Distribuição de Filmes e os interesses dos Profissionais, no Sindicato respectivo. Só a produção se não encontra organizada corporativamente.

Formado, amanhã, e orientado de maneira conveniente, a indústria veria realizadas as suas aspirações principais; os profissionais teriam forma de celebrar acordos referentes ao regime de trabalho e à defesa dos seus interesses. E a indústria ganharia coesão, consistência, consciência da própria dignidade.

FERNANDO FRAGOSO



Teresa Wright e Richard Ney, numa cena da «Família Miniver». O segundo, que interpreta, no mesmo filme, o papel de filho de Greer Garson, apaixona-se por ela durante os trabalhos da mesma produção e é hoje seu marido.

A MÚSICA FOLCLÓRICA NA AMÉRICA

POR ISABEL ROSS

NO segundo domingo de Junho, todos os anos, os americanos que vivem na região montanhosa do Sudeste, reúnem-se em frente de uma choupana que se ergue no sopé das montanhas de Kentucky, tomando parte no festival do folclore americano. Homens de fato de ganga e mulheres com vestidos de chita, levam para aí os seus instrumentos e, à sombra das enormes árvores, executam com entusiasmo as suas músicas favoritas, enquanto os assistentes dançam alegremente à moda da região.

Foi de festivais como êste que brotou a idéia da fundação da Associação Folclórica Americana, que promove periodicamente festivais nas montanhas de Tennessee, Maryland e West Virginia. Escolas e Universidades inauguraram aulas de folclore, destinadas a interessar os estudantes americanos por um dos mais característicos costumes do seu país.

Contam-se em dezenas de milhar, as pessoas que assistem actualmente a êsses festivais — muitas das quais de países estrangeiros — e que, atraídas pela sua fama, se deslocam aos Estados Unidos, de propósito para estudar o folclore americano. Criados para perpetuar as baladas e canções típicas da América, os festivais são muitas vezes filmados para a Biblioteca do Congresso, a expensas da Fundação Rockefeller.

O mais conhecido trovador, dentre êstes humildes artistas das montanhas — o falecido Jilson Setters — foi, em 1932, convidado pela Sociedade de Música e Dança Folclórica Inglesa a tomar parte no seu festival anual, realizado no Royal Albert Hall, de Londres. Setters cantou, nessa ocasião, perante o Rei, algumas canções, tal como foram trazidas para a América pelos primeiros colonos britânicos.

O antigo tocador de violino constitui, pode dizer-se, uma verdadeira instituição do Sul. O violinista dêsses festivais não coloca geralmente o seu instrumento à maneira clássica, mas deita-o sobre os joelhos e é assim que toca com entusiasmo. Por vezes, realizam-se concertos de rabequistas, a que concorrem tôdas as as celebridades locais. Outro instrumento muito empregado e raras vezes visto fora das montanhas de Kentucky, é o saltério, instrumento de som muito agradável, semelhante à cítara. O banjo é, ainda, um instrumento que goza da preferência dêsses montanheseis.

CONSERVAÇÃO DE BALADAS E CANÇÕES

A conservação de canções e baladas, cantadas em Inglaterra há 100 ou 200 anos, foi mantida em quasi todos os pontos, os mais remotos, dos Estados Unidos, das montanhas de Kentucky às da Georgia.

Um género favorito de cantiga, no Sul, é aquêl em que o canto não é acompanhado, a não ser pelo bater das palmas, executado com alegria e entusiasmo. As músicas dêste género mais apreciadas são «Ship to my Lou», «Pig in the Parlor» e «Over the River to Charley».

Além disso, os descantes são também bastante apreciados

no Sul. São de duas espécies — vocais e instrumentais. Os primeiros são, geralmente, do mesmo género do «play party games», a que pertencem as canções acima citadas. Os instrumentais exigem a presença de um rabequista, geralmente acompanhado de banjo ou violão.

Além das baladas de motivos antigos, há algumas como, por exemplo, as «Springfield Mountain», «Jesse James», «The Death of Floyd Collins», «Mr. Bryan's Last Fight» e «Casay Jones», inspiradas em certos factos ocorridos em determinada época.

A prática do canto é quasi tão universal em Tennessee, como a própria fala, pois as baladas, as canções tocadas à rabeça e as músicas espirituais dos negros, fazem parte integrante da sua vida. Algumas das primeiras músicas dêste género cantadas em Tennessee, intitulam-se «Has Anybody here seem my Lord», «I'm all wore out A-toling fo' the Lawd», «I'm troubled in Mind», «My Brudder's Died and Gone to Hebben» e «When the Lord Called Moses». Recentemente, os rabequistas passaram a tocar em conjunto com os tocadores de viola e banjo, formando as «hill-billy bands» tão do agrado dos rádio-ouvintes.

SABOR INDIO NO FOLCLORE DE OKLAHOMA

A música folclórica de Oklahoma, é rica de sabor índio.

Desde os tempos antigos, a cantiga e a dança populares constituíam a principal distração dos primeiros colonos. Nos ranchos de gado que se espalhavam pelo Estado de Oklahoma, após a guerra civil, a música folclórica disfrutava de grande popularidade graças às melodiosas canções que se executavam ao harmónio e banjo. Nos últimos anos, tem-se notado em Oklahoma o reviver dessa tradição, pela formação de organizações especialmente destinadas à expansão da música folclórica da região. A maior parte das escolas de Oklahoma formou os seus orfeões e, numa das Universidades, organizou-se um côro que, na interpertação de diversos géneros de música folclórica, nada fica a dever aos melhores dos Estados Unidos.

As canções dos diversos Estados reflectem o seu passado social e histórico. A introdução na Califórnia da música popular hispano-mexicana trouxe para essa região o ritmo movimentado do fandango, a romântica tradição das serenatas, as canções andaluzas e as melancólicas baladas dos trovadores. Os colonos espanhóis eram, de facto, muito dados à dança, às canções e à improvisação de baladas nos seus violões, tanto dentro dos seus costumes como os «sombremos» e as mantas multicolores. Trovadores de Monterey e Santa Bárbara andavam de rancho em rancho, cantando, pelas noites luarentas, as suas românticas serenatas. Essa tradição ainda hoje perdura e as «fiestas» realizadas anualmente em Santa Bárbara, Monterey e outras cidades não são mais que um eco dêsse passado.

Em 1894, o oiro da Califórnia atraía gente de todos os recantos do mundo. Nas suas longas jornadas em busca do precioso metal, êsses exploradores enganavam o tempo com can-

tigas, das quais uma das mais conhecidas é a «Oh Suzana!», que diz o seguinte:

*I'm going to California
With my banjo on my knee.*

À noite, à volta da fogueira, cantavam as canções das suas terras distantes, além de hinos religiosos e baladas. Todos eles trouxeram os seus cantares regionais que, reunidos, formaram o folclore da época.

O ENSINO DO FOLCLORE NAS ESCOLAS

A música folclórica, popular em todo o país, também é ensinada nas escolas. No Iowa State Teachers College, por exemplo, compilaram-se as mais notáveis canções folclóricas de todos os países, a fim de que a criança americana as conheça, tão bem como às dos Estados Unidos. Os clubes 4-H, que se encontram tão vulgarizados entre os jovens das regiões agrícolas, estudam a música índia, as canções espirituais dos negros, as composições de Sousa, Foster e Mac Dowell e, as obras de Copland. Os membros desses clubes conhecem

quais os artistas que dirigem, não só as grandes orquestras como os pequenos agrupamentos, e estão familiarizados com a melhor e mais moderna música. Dentre os coros femininos das regiões rurais dos Estados Unidos, nenhum, certamente, adquiriu maior fama que o Coro Muscatine, formado de raparigas que vivem e trabalham nas numerosas herdades espalhadas pelo condado de Muscatine, Iowa. Algumas delas necessitam de viajar cerca de 50 quilómetros, para os ensaios, qualquer que seja o estado do tempo e apesar do incessante trabalho a que se sujeitam durante o dia.

Os coros religiosos na América são numerosos e variados. A música sacra tem-se desenvolvido progressivamente nos Estados Unidos e hoje os coros das catedrais e das grandes igrejas urbanas atingem já um elevado grau de excelência artística.

As bandas e orquestras escolares atingem, por vezes, grande popularidade em todo o país, onde é freqüente ver-se uma des-

sas bandas de rapazes, desfilando com todo o aparato, tocando as melhores marchas dos melhores compositores.

A COLEÇÃO DA BIBLIOTECA DO CONGRESSO

Nos últimos anos, procurou-se fazer uma compilação das melhores canções folclóricas americanas. A biblioteca do Congresso conseguiu reunir em sete albuns 119 canções seleccionadas entre 3.000 das melhores, registadas em gravações nos seus arquivos.

Os aparelhos portáteis de gravação dos «caçadores de canções folclóricas» registam os mais indistintos sons, provocados pelos executantes e a assistência, durante os festivais. Entre as músicas registadas, contam-se canções índias, baladas anglo-americanas, canções humorísticas e disparatadas, canções das montanhas, «blues», canções espirituais, tocadas em rebeca e banjo, e as canções religiosas dos franceses da Louisiana e dos hispano-americanos do sudoeste.

A música folclórica dos Estados Unidos reflecte a arte de vários países, enriquecida pelo ritmo melodioso dos negros e pela intuição musical do seu povo.



Uma «hillbilly band» executa canções folclóricas nas montanhas de Kentucky. O rabequista toca com o instrumento deitado sobre os joelhos.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

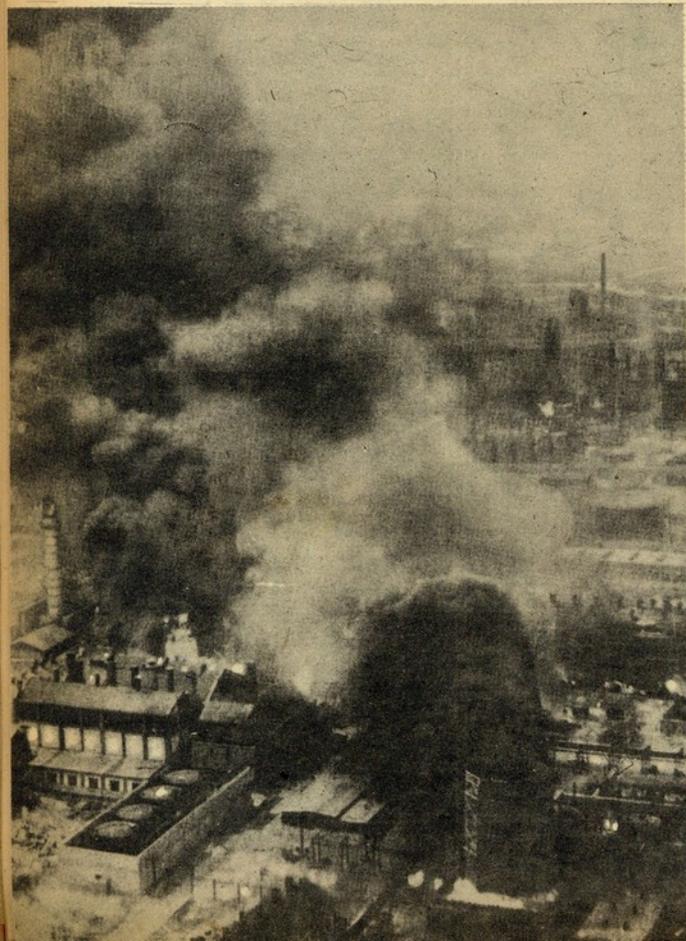
Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

A BATALHA DA UCRÂNIA

NO sector central da frente leste, a batalha de Smolensko marcou uma fase crucial da actual guerra, por ter constituído a demonstração prática de que era possível, com tropas adestradas e material adequado, opor à «blitz» uma «anti-blitz» igualmente eficaz. Cessava, assim, o encanto que tinha permitido, até essa altura, à Wehrmacht ganhar tôdas as campanhas em que se envolvera, graças ao apoio quási exclusivo de formações de especializados. Pela primeira vez a infantaria desempenhava, na batalha, o papel capital. Esta modificação fundamental significava que, de futuro, a condução da guerra ia exigir ao Reich sacrifícios, em vidas, que não deixariam de se reflectir, não apenas na situação militar, mas também na situação política.

A guerra económica, feita na Polónia e em França, via terminados os seus dias. Era uma guerra dispendiosa em sangue que ia iniciar-se. Qual era o significado profundo desta transformação? O Reich iniciara a luta com a convicção, confirmada pelos seus primeiros e espectaculosos êxitos, de que era possível substituir o homem pela máquina, e fazer desta o elemento, não apenas essencial, mas exclusivo da estratégia. Assim, a nação aceitara correr um risco que se apresentava mínimo, sobretudo quando era comparado com o exemplo da conflagração anterior, em que as batalhas se saldavam por hecatombes.

Ploesti, o famoso centro produtor de petróleo romeno que passou para o domínio alemão, sofreu, durante as vicissitudes da guerra, os mais energicos ataques dos Aliados.



Esta ilusão parecia desfeita depois da batalha, em profundidade, de Smolensko. A guerra ia tornar-se, pela aplicação de métodos em tudo idênticos aos que tinham justificado as vitórias da Wehrmacht, demorada e custosa. As perfurações da frente do adversário, as batalhas de cerco, o aniquilamento da resistência inimiga depois de realizados êsses actos preliminares, iam dar lugar ao desgaste incessante. A combinação dos blindados com a aviação de bombardeamento e o emprêgo da infantaria como simples arma de acompanhamento, para proceder à ocupação depois da vitória ter sido alcançada pela acção das «Panzer», defrontavam métodos perfeitamente idênticos e igualmente eficazes. Mais importante era que êsse resultado se conseguira precisamente no sector vital de cuja sorte dependia toda a campanha da Rússia: o sector central por onde devia ser aberto o caminho que conduzia à capital dos soviets e, portanto, à vitória.

GUERRA DE MOVIMENTO NO SUL

Apesar desta realidade, incontestável a dois anos e meio de distância, a marcha das operações na frente leste quando, nos primeiros dias de Agosto, o comunicado oficial alemão deu por terminada a batalha de Smolensko, dava a sensação incompreensível de que a progressão das armas alemãs estava a fazer-se de maneira irresistível e que nada a deteria.

Esta ilusão é perfeitamente explicável quando nos lembramos de que a própria extensão da frente e a diferença dos métodos postos em acção pelos beligerantes era de molde a criar nos espíritos uma confusão que a actividade contraditória dos agentes de propaganda adversos contribuía para adensar. Essa extensão fazia com que a frente leste devesse ser sempre considerada, não como uma frente única, mas como uma frente múltipla onde os resultados conseguidos nos vários sectores não eram, de maneira nenhuma, indiferentes para a apreciação do resultado final.

Dir-se-ia que a Wehrmacht se batia em duas frentes já na altura em que o mundo estava convencido de que a sua vitória se aproximava a passos agigantados. Só assim é possível compreender que, enquanto a defesa de Leninegrado detinha o seu avanço e a batalha em profundidade de Smolensko mudava inteiramente o curso geral da luta, a Wehrmacht continuasse a progredir ostensivamente no sector sul da frente, onde a batalha de movimento continuava obrigando os russos a recuar incessantemente e dando a impressão que era ali que estava a ser jogada a sorte da campanha.

Essa foi a característica da luta, durante o Outono de 1941, e foi essa característica que levou a formular muitos juízos errados sobre o desenlace final da campanha. Esse desenlace seria condicionado, não pela posse da Ucrânia e pelo recuo das tropas de Budieni, como veremos, mas pela decisão da batalha de Smolensko que, retardando o avanço alemão, fez surgir o inverno sem que a Wehrmacht tivesse alcançado o seu verdadeiro e essencial objectivo: a cidade de Moscovo.

A BATALHA DA UCRÂNIA

A batalha da Ucrânia, iniciada quando a batalha de Smolensko, quaisquer que fossem as aparências e a linguagem dos comunicados oficiais, não se tinha concluído pela vitória da Wehrmacht, durou desde os primeiros dias de Agosto até à terceira semana de Novembro. Essa batalha ficará, na história da campanha da Rússia, como um exemplo clássico da guerra de movimento em que o comando alemão dominou a concepção de manobra do seu adversário obrigando-o a ceder um território que era precioso para a continuação da luta, dada a sua importância económica.

Pode dizer-se que a batalha da Ucrânia começou com o ataque a Zhitomir, em 5 de Agosto, e terminou com a ocupação de Rostov pelos alemães, em 22 de Novembro. A distância entre estas duas cidades, que é de cerca de noventa quilómetros, dá a medida da penetração alemã em território soviético. Foi, portanto, no sul que os ganhos territoriais dos atacantes foram mais extensos, mais profundos e mais férteis em consequências.

Essas consequências foram essencialmente de ordem económica, embora não sejam para desprezar as consequências de ordem militar e de ordem política que dela advieram. As consequências de ordem militar reflectiam-se no prestígio e no crédito do exercito soviético, cujo recuo espectacular dava a ideia de uma inferioridade absoluta em relação ao poder do seu adversário. As consequências de ordem política repercutiam na situação geral dos Balcãs, cuja vizinhança levou os países dessa zona a concluir que a vitória alemã não deixaria de se pro-



À medida que os russos recuavam e os alemães avançavam, os novos ocupantes faziam por que as populações valorizassem a terra cultivável, porque a alimentação era um problema fundamental nas frentes e na retaguarda, e a Ucrânia era o celeiro da Rússia.

duzir rapidamente, e a contribuir, portanto, de maneira substancial, para que essa vitória fôsse alcançada.

O prestígio militar da Wehrmacht nos meios europeus e americanos atingiu o seu zenite. A influência política do Reich nos Balcãs e na Turquia firmou-se em condições de lhe permitir encarar as perspectivas duma colaboração completa dos países que se sentiam directamente influenciados pelo avanço constante das armas alemãs, no sector sul da frente russa. As realidades militares não justificavam, senão em parte, estes resultados. Mas a verdade é que eles se produziam e isso é que interessa apreciar e constatar.

AS RAZÕES ECONÓMICAS

Mas, como dissemos, eram sobretudo as conseqüências de ordem económica que avultavam na batalha da Ucrânia e no seu desenvolvimento. Conduzindo-se energeticamente e utilizando nela uma parte valiosa dos seus recursos e das suas disponibilidades, o Estado-Maior alemão queria atingir o coração da economia soviética e dominar rapidamente alguns dos seus mais importantes centros agrícolas e industriais.

Um dos mais autorizados intérpretes do pensamento da Wilhelmstrasse, nessa altura, dizia significativamente: «Os nossos mais abalizados peritos têm a opinião de que a produção do sueste europeu, e principalmente do sul da Rússia, é susceptível, sob a direcção alemã, dum tal grau de desenvolvimento e aperfeiçoamento que bastará para erguer a um nível inesperado toda a economia do nosso continente. A Europa poderá, assim, criar a sua autarquia e ficar independente do resto do mundo. Em matéria de carburantes, por exemplo, a produção aumentará em proporções tais que o continente europeu não mais dependerá nem da Grã-Bretanha nem dos Estados Unidos. É uma autêntica revolução que levaremos até às últimas conseqüências. No momento em que o soldado alemão chega às praias do Mar Negro, estamos mais interessados do que nunca em que termine definitivamente a dominação britânica no Mediterrâneo. Assim, a guerra a leste atinge um significado mundial, na altura em que as relações entre as potências anglo-saxónicas e o Japão entram novamente numa fase crítica».

As razões fundamentais que levaram o comando alemão a dispersar as suas forças realizando a batalha da Ucrânia, na mesma altura em que a decisão militar no sector central estava periclitante, aparecem assim expostas, com toda a clareza. O Reich, ao mesmo tempo que realizava uma estratégia militar, no sentido puro desta palavra, no sector central, realizava, no sector sul, uma estratégia predominantemente económica que tinha por objectivo essencial criar uma autarquia europeia e precipitar a entrada do Japão na luta, demonstrando praticamente que os recursos que o bloco totalitário estava apto a utilizar bastavam para equilibrar a superioridade de recursos que sempre fôra assinalada como uma das vantagens do bloco adverso, e especialmente do grupo anglo-americano.

AS REVELAÇÕES DUM JORNALISTA

Quem escrevia essas palavras reveladoras era o mais categorizado comentador dos assuntos de política externa na Imprensa alemã, o jornalista R. Kircher. O seu significado profundo só pôde ser apreendido seis semanas mais tarde, quando os japoneses atacaram em Pearl Harbour. Mas elas reflectiam, inconscientemente, um pensamento que orientava a estratégia alemã no sentido de objectivos de tipo mundial que excediam, em muito, o âmbito da frente leste e até as considerações

de ordem puramente continental que, até essa altura, haviam sido invocadas pelos intérpretes do pensamento político do Reich.

Tratava-se, em resumo, para os alemães, dada a possibilidade da entrada na guerra dos Estados Unidos com todos os seus recursos, e da eventualidade duma luta demorada a leste e dada a marcha da batalha de Smolensko, de preparar, nos territórios economicamente ricos do sul da Rússia, uma gigantesca experiência de colonização que permitisse a exploração eficaz de todos esses recursos.

O soldado alemão ocuparia ilimitadamente os territórios conquistados. Os técnicos alemães procederiam ao seu aproveitamento orientando-o no sentido da criação duma autarquia continental, suficientemente poderosa para enfrentar a produção anglo-americana. O Japão poderia associar-se confiadamente ao esforço de guerra do bloco totalitário, com a certeza antecipada de que a sua intervenção fulminante bastaria para desviar para o Extremo-Oriente o caudal da produção americana.

Sabe-se hoje como estes cálculos foram desmentidos pelos acontecimentos. O Presidente Roosevelt e os seus colaboradores não se deixaram perturbar pela intervenção japonesa nem pelas conseqüências imediatas do golpe de Pearl Harbour e mantiveram, inabalavelmente, a concepção inicial de que o Reich era o principal inimigo da coligação a que se haviam ligado e, portanto, aquele que se tornava necessário bater em primeiro lugar. Foi esse o fundo da estratégia inter-aliada de Casablanca que considerou, desde o início da participação activa dos Estados Unidos na guerra, o teatro de operações extremo oriental como um teatro secundário conjugando todas as forças para que a decisão na Europa fôsse conseguida em primeiro lugar.

DISPERSÃO DE FORÇAS

A dois anos e meio de vista, pode dizer-se que a concepção estratégica alemã de sentido mundial se malogrou na realização dos seus objectivos distantes,

(Continua na pág. 22)



Moscovo permaneceu, porém, em toda a campanha, como uma miragem sedutora, porque a capital se transformou num temível arsenal

PELES

A primeira casa especializada do país.

Manolita

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

P A P Y R U S

- PAPYRUS—O melhor papel para escrever
- PAPYRUS—O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS—O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS—O melhor papel para Apólices, etc
- PAPYRUS—Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS—Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS—O melhor papel para cartas



À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)

Rua dos Carreiros, 70
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO—Telefone 25854



SENSACIONAL NOVIDADE LITERÁRIA!

UM NOVO VOLUME DA COLEÇÃO «AS MAIORES OBRAS DO NOSSO TEMPO»

ACABA DE SAIR

NÃO SE VOLTA AO PASSADO

POR ALBA CÉSPEDES

O MAIOR ROMANCE ITALIANO DOS ÚLTIMOS ANOS

Traduzido em 20 línguas incluindo as de todos os beligerantes.

Um romance que é a revelação do génio literário duma mulher!

Uma técnica originalíssima cada personagem é um romance.

A coleção «AS MAIORES OBRAS DO NOSSO TEMPO» só publica obras desta categoria.

«NÃO SE VOLTA AO PASSADO» e «VITÓRIA, QUATRO E MEIA» que tanto êxito obteve, são os primeiros volumes desta coleção.

A VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO IMPERIO
Preço do exemplar 15\$00

EDITORIAL - SÉCULO
Rua do Século, 63—LISBOA

SÓ PARA AS SENHORAS



DE BOM GOSTO

As mais lindas mulheres em Inglaterra, na América e em muitos outros países civilizados, sabem que os cremes de beleza OATINE não são vulgares, mas sim produtos de mérito, por isso aplicam diariamente na «maquillage» os célebres OATINE CREAM e OATINE SNOW (cremes de dia e de noite). Imita V. Ex.^a o seu exemplo e bendirá o momento desta experiência

à venda nas boas casas

Oatine
Produtos de Beleza

Depósito: F. H. DOS SANTOS
Trav. do Coto-velo, 37-1.^o
Telefone: 2 0218



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis à

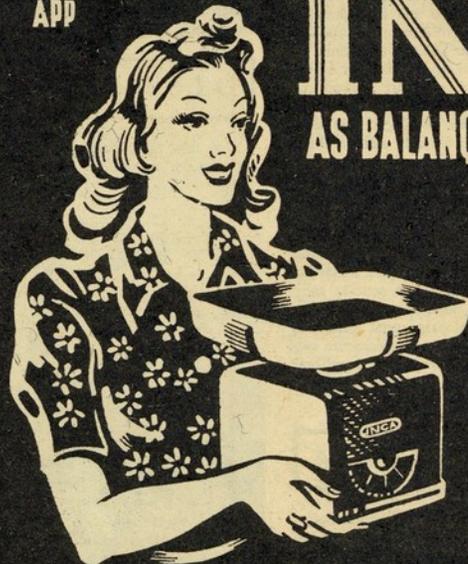
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

APP

INCA
AS BALANÇAS DE GRANDE SUCESSO



A FAMOSA MARCA SUISSA, QUE TRIUNFOU EM PORTUGAL

LINDAS, RIGOROSAS, ÚTEIS. SOLIDAS E BARATAS

SÃO O COMPLEMENTO NECESSÁRIO A UMA COSINHA MODERNA
VEJA-AS HOJE MESMO EM QUALQUER BOA LOJA DE ARTIGOS DE UTILIDADES

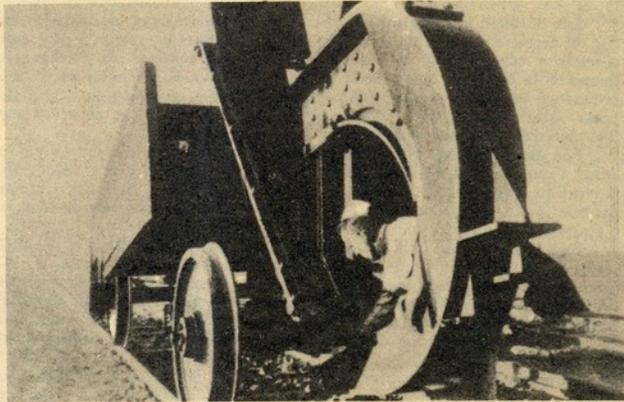
DEPÓSITOS PARA VENDA POR GROSSO

S U I - R. da Conceição, 46. 1.^o - Telef. 21672 - LISBOA
NORTE - R. Santa Catarina, 53. 1.^o - Telef. 5582 - PORTO

NOTAS DE GUERRA



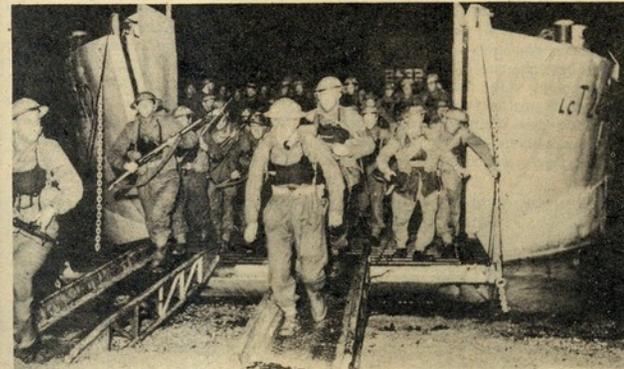
Éis um desfile da 2.ª divisão polaca que, segundo um comunicado oficial de Moscovo, seguiu para a frente Leste, onde vai combater as forças ocupantes. É comandada pelo coronel Siwitsky e, entre outros elementos, compreende um grupo auxiliar feminino — S. C. F. — como se vê no primeiro plano.



Para demolir as linhas férreas, os alemães, em retirada, utilizam estas máquinas destruidoras, adaptadas ao último vagão dos comboios. À medida que as carruagens avançam, o «gancho» arranca as travessas da via, tornando-as assim inúteis para o inimigo.



Os telegramas de guerra têm-se ocupado, recentemente, de Cassino, chave de operações em Itália. Aqui está o convento do Monte Cassino, à volta do qual se travaram intensos combates, pois constituía ponto estratégico valioso para os alemães, a oeste dos Abruzzos. Este convento foi fundado em 529 por Saint Bento e, durante a Idade Média, constituiu um centro de grande cultura. A sua biblioteca compreende 500 volumes e inúmeros outros livros de valor incalculável — tudo guardado presentemente, no Vaticano.



Tropas britânicas saindo de uma barcaça de invasão durante um dos últimos desembarques, efectuados durante a noite, na costa italiana.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL ANTONESCO

A sua biografia vai buscar-se aos registos da história da Roménia e encontra-se escrita nos anais do exército que combateu sempre os partidos das esquerdas avançadas. Como general, éle que combateu até ao estrangulamento, a Guarda de Ferro — foi sempre enérgico, dominador, a própria mão de ferro dos partidos conservadores. Como político, dentro de um princípio rígido de disciplina pela força, foi o grande animador da aproximação romena dos países do Eixo, levando a efeito a adesão da Roménia ao Pacto Tri-Partido.

Quando o rei Carol trocou a coroa e as complicações da política pelo sossego de uma casa do México, Antonesco assumiu a chefia do Governo. O filho do rei deposto — o rei Miguel — ocupou o trono, por virtude de um movimento de que o exército e a Guarda de Ferro saíram conjuntamente triunfantes. Mais tarde, a Guarda de Ferro, aliada da véspera, era por sua vez dominada, política e militarmente, pelo partido chefiado por Antonesco que, a partir de então, tem desenvolvido política de estreito entendimento com a Alemanha e todos os países com ela combatentes da Frente Leste.

História da Guerra

(Continuação da pág. 19)

embora os objectivos imediatos houvessem sido alcançados com um brilho incontestável.

A Wehrmacht conquistou a Ucrânia, e com ela os vastos recursos económicos que o seu solo contém. O Japão entrou na guerra ao lado do Reich e vibrou nos Estados Unidos e no seu prestígio um golpe profundo. Durante um largo período de tempo, os cereais e os minérios do sul da Rússia puderam ser plenamente explorados e utilizados pelo Reich. A opinião pública norte-americana hesitou sobre o caminho a seguir, sabendo-se que a guerra contra o Japão é para ela muito mais popular do que a guerra contra o Reich.

O prestígio político da Alemanha nos Balcãs e em alguns países neutros firmou-se. Assim foi possível ao Reich utilizar o petróleo da Roménia, enquanto não alcançava o petróleo do Cáucaso. Foi-lhe ainda possível manter coeso o bloco dos seus aliados, que de outra maneira se teria dissociado. Foi-lhe, finalmente, possível manter a campanha submarina atacando as linhas de comunicação anglo-americanas e retardando a aplicação, em pleno, dos recursos que fluíam à plataforma britânica e ao campo de batalha do Próximo Oriente e do Norte de África.

Sobretudo, o Reich pôde criar a ilusão, com o seu avanço fulminante no sul, que a campanha da Rússia estava sendo decidida a seu favor quando era precisamente o contrário que estava acontecendo. Que a estratégia a que nos referimos tivesse a aprovação entusiástica da direcção política do Reich, não oferece já hoje a menor dúvida. Que ela tivesse uma aprovação igualmente entusiástica do Alto Comando, que assumia responsabilidade de a praticar, eis o que só a história e o depoimento das personalidades que intervieram no assunto esclarecerá.

AS APARÊNCIAS E AS REALIDADES

Esta dúvida é perfeitamente justificada quando se conhecem as condições em que foi desencadeada a campanha da Rússia, e quais eram as concepções dos dois adversários sobre a sua marcha eventual. Para o comando da Wehrmacht tratava-se de conseguir uma decisão rápida, pelos métodos peculiares da «blitz», cercando e destruindo o grosso das forças inimigas e conquistando a sede do poder político dos soviets. Para o comando soviético tratava-se de evitar que esse objectivo fosse realizado.

Por isso o comando russo, na fase inicial da sua preparação para a luta e desde a campanha da Finlândia no inverno de 1939, pensou que a tática mais conveniente a adoptar consistia em concentrar no sector sul da frente o grosso das suas forças, especialmente as suas forças blindadas, a fim de fazer da Ucrânia o centro de gravidade de toda a campanha.

Este erro inicial poderia ter sido duramente pago. Mas a natureza dos preparativos militares feitos pelo Reich, depois da campanha da Finlândia, e ultimados em seguida à campanha dos Balcãs, convenceram o Estado-Maior soviético de que os golpes principais que teria de suportar seriam desferidos no sector central da frente em direcção a Moscovo e que era, portanto, nesse sector que deveriam ser concentradas as suas forças principais. Os factos não fizeram senão confirmar esta ideia.

Assim, enquanto as aparências diziam que era no sector da Ucrânia que estava a ser decidida a guerra germano-russa, as realidades demonstravam que para ambos os contendores não era esse o teatro principal da luta e que este se encontrava no sector central, com um objectivo preciso e essencial: a posse de Moscovo. Tanto o comando alemão como o comando soviético tinham a consciência plena das suas responsabilidades e da orientação em que era necessário encaminhar a batalha. A diferença estava em que o primeiro era obrigado a atender simultaneamente a considerações de ordem militar e de ordem política, enquanto o segundo se norteava exclusivamente por considerações de ordem militar.

OS RESULTADOS FINAIS

Esta diferença fundamental explica a diferença nos resultados conseguidos, tanto no teatro restrito da Rússia como no plano da guerra mundial. Na Rússia a Wehrmacht ganhou brilhantemente a batalha da Ucrânia mas perdeu a batalha de Moscovo, não apenas por não ter conquistado esta cidade, o que já seria importante, mas sobretudo porque o resultado da batalha de Smolensko obrigou a uma campanha de inverno penosa e desgastadora. Como consequência disso, o plano inicial, que consistia em terminar as hostilidades na Rússia em fins de 1941, teve de ser substituído. Essa substituição fez-se, não por um novo plano da campanha coerente, mas pelo recurso às exigências locais e de momento que nada têm de comum com a guerra conduzida pela antevisão das necessidades distantes e finais.

No plano mundial o Japão entrou na guerra ao lado da Alemanha e os recursos da Ucrânia puderam ser explorados, durante mais de dois anos, pela técnica alemã. Mas esta exploração não teve o seu epílogo na criação duma autarquia continental, capaz de equilibrar a superioridade dos recursos anglo-saxónicos, nem sequer de limitar a carga que pesava sobre os países ocupados da Europa, que assim encontraram novos motivos para aumentarem a sua hostilidade em relação ao país ocupante.

Por seu turno, a entrada do Japão na guerra não se traduziu por um resultado decisivo. A participação nipónica não excedeu o quadro dos interesses asiáticos, enquanto a intervenção americana se projectou imediatamente na Europa pelo desembarque crescente de homens e de material, e na África pela decisão da luta que ali vinha a arrastar-se entre o Egipto e Líbia. Estes resultados, a distância, bastaram para compensar largamente o êxito local, brilhante e incontestável, conseguido pela Wehrmacht ao conquistar e ocupar, em quatro meses, todo o território compreendido entre Zhitomir e Rostov, o qual incluía os principais centros de produção que alimentavam a economia de guerra soviética.

(Continua)



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEÖ	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEÖ	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a	21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)		
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA estomatites

TRATA as doenças da boca

PETROLEO COM IODO CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém

Nem um só cabelo!

CLIPER'S
FRASCO 20 ESCUDOS

Pedidos aos distribuidores

LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Filizes, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA

TELEF. — 2 0244
TELEG. — PAPEL CAR

Papelaria Carlos

de Carlos Ferreira, Lda

SECCÖES DE VALORES/ELADQ E TABACARIA

ESTABELECIDO EM 1870 PARA ABRIR O CAMINHO PARA A MODERNIZAÇÃO COMERCIAL

GRANDI SORRIDO DE ARTIQOS PARA DESENHO E ESCRITÖRIO

RUA DO OURO, LISBOA

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

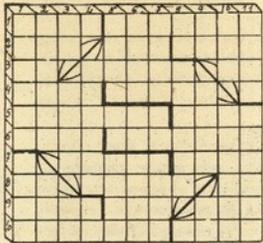
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 16

Por José Rodrigues Correia VISEU



Dois de Cabral... V 1984

Enunciado

HORIZONTAIS: 1 — Animação; geral. 2 — Eiró; nome próprio masculino; cantiga. 3 — O Sol; metal branco, precioso; único. 4 — Saco de pele para transportar líquidos; que tem asas. 5 — Corrida de touros; cóleras. 6 — Ao acaso; povoação do concelho de Guimarães. 7 — Unir; serra de Portugal. 8 — Batráquio; aros; nome de letra grega (inv.). 9 — Lavrour; dente queixal (pl.); ata. 10 — Sobejara; fileiras.

VERTICAIS: 1 — Seta curta; lavar. 2 — Ralvosos; medida agrária. 3 — Nota musical; pilha; artigo plural. 4 — Lágrima; nota musical (ant). 5 — Intuíto; o mais; mulher que faz parte de uma confraria. 6 — Frutos da videira; nota musical; ave de rapina do género falção. 7 — Apontamento; viração; flor. 8 — Oferece; funcionário agregado a outro (pl.). 9 — Seguir; climas; povoação do concelho de Oliveira de Azeméis. 10 — Suspiros; árvore da Guiné portuguesa. 11 — Antigo povo, ao norte do Sião; apêlido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

HORIZONTAIS: 1 — Arremataram. 2 — Voares; cara. 3 — As; as; casas. 4 — Ras; cotão. 5 — Ida; alar. 6 — Ao; as; ar; pa. 7 — Broa; mar. 8 — Cariz; asa. 9 — Orlas; mu; sr. 10 — Leis; pensal. 11 — Arrethessaria.

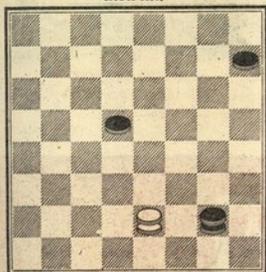
VERTICAIS: 1 — Avariar; oia. 2 — Rosado; crer. 3 — Ra; sã; bu-lir. 4 — Era; arrase. 5 — Mês; sola. 6 — As; cá; az; pé. 7 — Cola; mês. 8 — Acatar. uns. 9 — Rasar; má; sã. 10 — Arão; passar. 11 — Mas; pararia.

DAMAS

FINAL DE JOGO N.º 1 (Concurso)

Pelo capitão Evaristo António Borges PORTO

Dedicado ao valeroso técnico «damista» Francisco Henriques, de Almetrim.



Joga a branca e empata.

Colocação das peças:

B — «Dama» em 6.

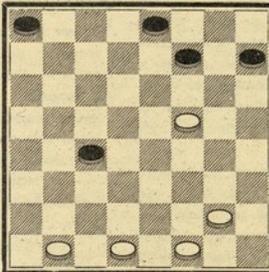
P — Pedras em 19 e 25. «Damas» em 5.

JOGO N.º 3

Jogo disputado na 2.ª volta do V Campeonato de Lisboa entre Luiz António David (Prétas) e João Amadeu do Serro (Branças).

Branças (Amadeu)	Lances	Prétas (David)
12-15	1.º	23-19
8-12	2.º	28-23
10-13	3.º	21-18
5-10	4.º	23-20
12-15	5.º	19-12
16-23	6.º	27-20
7-23	7.º	31-27
10-14	8.º	27-20
14-21	9.º	26-10
6-13	10.º	20-15
11-20	11.º	24-15
13-18	12.º	22-13
9-18	13.º	29-26
1-5	14.º	

Posição do jogo ao 14.º lance das brancas.



5-10	14.º	30-27
10-14	15.º	32-28
2-6	16.º	26-22
6-11	17.º	22-13
3-17	18.º	15-6
	19.º	27-22

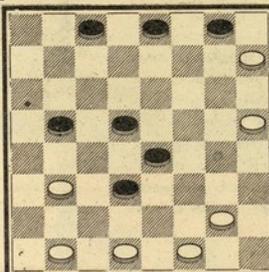
Empatam.

JOGO N.º 4

Este jogo foi disputado no V Campeonato de Lisboa de Jogo das «Damas» entre os fortes «damistas» Fernando Matins (Branças) e Luiz António David (Prétas).

Branças	Lances	Prétas
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
9-13	3.º	32-28
11-15	4.º	28-23
13-17	5.º	21-18
5-9	6.º	25-21
6-10	7.º	18-14
1-5	8.º	23-20
10-13	9.º	20-11
13-18	10.º	22-13
9-25	11.º	27-23
12-15	12.º	19-12
8-15	13.º	23-19
15-22	14.º	26-19
7-12	15.º	24-20

Posição do jogo ao 15.º lance das pretas.



3-6	16.º	19-15
12-19	17.º	14-10
6-24	18.º	10-1 (D)
10-22	19.º	30-26
2-6	20.º	26-19
17-21	21.º	19-14
21-26	22.º	29-22
4-7	23.º	22-18
25-29	24.º	18-13
29-8	25.º	13-9
8-4	26.º	9-5
7-11	27.º	14-7
4-11	28.º	Empate.

PROBLEMA N.º 9 (Concurso)

(Solução)

22-27	8-22	1-5	27-31	31-18 g.
28-15	9-2	2-9	9-27	P

Concurso de problemas e finais de «Jogo de Damas»

LISTA DOS PRÉMIOS

FINAIS

- 1.º Prémio — Uma assinatura da «Vida Mundial Ilustrada» — 1 Ano.
- 2.º Prémio — Uma assinatura da «Vida Mundial Ilustrada» — 6 meses.
- 3.º Prémio — Um livro «O Japão», de César dos Santos.
- 4.º Prémio — Uma assinatura da «Vida Mundial Ilustrada» — 3 meses.

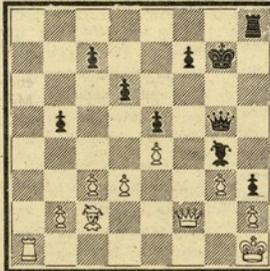
PROBLEMAS

- 1.º Prémio — Uma assinatura da «Vida Mundial Ilustrada» — 6 meses.
- 2.º Prémio — Dois livros — «295 dias», de Acúrcio Pereira e «Dize tu, direi eu», do Dr. Luiz de Oliveira Guimarães.
- 3.º Prémio — Uma assinatura da «Vida Mundial Ilustrada» — 3 meses.
- 4.º Prémio — Um livro — «Fugiu uma Espia», de Charles Berry.

XADREZ

Momento crítico (n.º 1)

Que jogaria você neste momento?



Jogam as pretas.

(El Ajedrez Español)

Final n.º 11

Solução

1. P3C+, R4C (se 1.º..., R4A);
2. P4C+, R5A; 3. T4A+, R4C;
4. T5A+, R3C; 5. T6A+, R4C;
6. R3C, com mate inevitável;
7. P4AR+, R4A; 3. T5A+, R3A, ou 3 c; 4. T6A+, R4A (se 4.º..., R2C);
5. T7A+, R3C; 6. T.XT, T.XD+;
7. R.XT e ganha; 5. R3A, P4TD (se 5.º..., T.XD); 6. P4C mate);
6. T6A mate.

CORRESPONDÊNCIA

António Lopes (Ovar) — Vou verificar se o seu problema está bom.

Fernando Pereira (Póvoa do Varzim) — Recebi os seus problemas, que vão ser analisados. E continue! Luar (Lisboa) — Envie-me nome e morada, a fim de dar andamento aos trabalhos que me mandou.

Domingos A. da Silva (Lisboa) — Queira remeter-me seu endereço para lhe responder por escrito às suas perguntas.

Cândido Policarpo (Lisboa) — O mesmo que para Domingos A. da Silva.

Jorge Jalamba Marques (Castanheira de Pera) — Aguardo seus problemas.

Manuel Tôrres (Valinha) — Muito grato pela sua rápida resposta.

António Tôrres (Valinha) — A «Vida Mundial Ilustrada» começou a ser-lhe remetida desde o n.º 143.

Norberto Rodrigues (Valadares) — O mesmo que para António Tôrres.

José Rodrigues Correia (Visu) — Um dos seus problemas é hoje publicando.

Ventura conquistador...

Por ZÉCO



— Ó que formosura!... Que corpo tão esbelto!... Que linhas tão harmoniosas!... Já não me escapa!... Olarilal!



— ...Pela maneira elegante como V. Ex.ª a sua beleza é tão excepcional, tão perturbadora, e surpreendente que eu não resisto à tentação de me confessar súbitamente apaixonado...



— Desculpe-me, gentil senhora, mas... a sua beleza é tão excepcional, tão perturbadora, e surpreendente que eu não resisto à tentação de me confessar súbitamente apaixonado...



— Ó sr. Ventura, bocemecê julga que eu sou da sua laia?!

— (Ob com a breca!.. Afinal a fidalga não é senão a Micas, que foi minha sopeira, e que deve ter subido, com certeza, graças ao mercado negro!..)

Como eu a amo!

Novela de CONSTANTINO DE FIGUEIREDO

Desenho de RUDY

A CABARA de chegar ao cimo da calçada e, como lhe sucedia tôdas as noites, parou; na sua frente estava a cidade. A noite havia descido sobre ela e luzes começavam a surgir ao longo das ruas e em volta das praças. Mesmo acima da sua cabeça, o candeeiro, já aceso, espalhava uma claridade baça que mal definia o contorno das coisas. Habitualmente, não se detinha; apressava-se a descer a rampa e só parava quando ela fechava a porta e lhe agarrava a cabeça para o beijar. Naquela noite, porém, demorou-se a olhar. Em baixo, via a estação e nela, como quasi sempre, uma locomotiva em manobras rebocava vagões e carruagens. Na outra encosta as casas amontoavam-se e subiam até negro e monstruoso edificio: a Prisão. O grito da busina dum automóvel soou ao longe e como se fosse sinal combinado a locomotiva apitou. Depois, tudo caiu em silêncio comprometedor. Ia, finalmente, a decidir-se pela descida quando lhe pareceu ouvir passos na calçada. Ficou na atitude de quem, deslicando um pé para descer uma escada, fica indeciso e é forçado a esforço físico redobrado para retomar o equilíbrio. Vulto de homem surgiu na esquina e avançou para o local em que se encontrava. Quando pequena distância os separava um do outro, os dois pareciam contrafeitos: o recém-chegado levou as mãos aos bolsos e puxou dum cigarro. O que ali havia chegado primeiro deu três ou quatro passadas, batendo com os pés na terra como se não tivesse outra intenção que não fosse aquecê-los. Quando reparou no desajeitado do seu movimento instintivo não pôde evitar duas frases denunciadoras do seu estado de espirito:

— Ora este tipo que vem numa altura destas! E a Maria que deve estar impaciente.

Olhou o sujeito de soslaio e assaltou-o a desconfiança. Era um quarentão, alto, metido numa andaina coçada. Inclina-se para a frente como se desejasse ver melhor qualquer objecto que estivesse em baixo, no fim da ladeira, e parecia falar sózinho. Havia ali um muro que se destacava da parede branca da pequena capela e terminava na rampa que o primeiro homem a chegar àquêle local ansiava por descer. O sujeito alto, como que para ver melhor, deslisou ao longo do muro. Quando pôde observar bem, parou e não poupou os olhos à demorada investigação do outro. Não era alto, mas exhibia arrogantemente robustez de pessoa habituada ao trabalho. As mãos, que êle mexia nervosamente, deviam estar calejadas e encardidas; ao pensar nisso, o alto esfregou as suas, que não estavam tratadas, mas deviam ser de quem não tinha o trabalho por prática diária. «Que mais o distinguia. Ah!

fato de ganga e olhos metidos em órbitas profundamente cavadas».

Como se quisessem disfarçar o mal-estar que notavam um no outro, ambos se voltaram, de novo, para a cidade. Exibia já toda a sua iluminação, à qual se juntava a das casas particulares, representada por dezenas de janelas. O clarão, reflectindo-se nas nuvens — o orvalho transformava-se em chuva miúdinha — transfigurava tudo; dava ao céu o aspecto de grandiosa cúpula púrpura.

— Também a ama?

A interrogação espantou o homem do fato de ganga e deixou-o no estado de quem recebe uma martelada na cabeça. «Como era isso possível? Então aquêle tragalhadança também a conhecia? Ah, raios!». A raiva toldou-lhe a razão e obrigou-o a piscar os olhos como se tivesse na frente um monstro e duvidasse de que o que via era o que lá estava. O corpo esguio do outro — «o diacho do homem, até parece mais alto» — estava muito próximo de si. Só então reparou nos seus cabelos grisalhos, nas rugas que lhe sulcavam a cara, nos braços compridos e nas mãos grandes. «Essa agora — pensava surpreendido com o que via — o gajo tem o fato rôto; não vê escôva há um rôr de tempo!». Este pormenor indicava-lhe que o outro devia ser desgraçado e aumentou a raiva que sentira momentos antes. Lembrou-se então de que não lhe havia respondido, e por isso disse bruscamente um segundo depois:

— Que é lá isso!...

Fitaram-se o e o alto viu erguer-se a mão calejada e sentiu um murro no ombro direito. Não teve tempo de evitar o ataque; cambaleou, mas pôde levar as mãos ao rebôrd do muro, o que lhe evitou a queda. Reagiu prontamente e atirou-se para a frente. O mais baixo recebeu uma pancada na cabeça e largou um sóco que atingiu a barriga do alto. O enorme corpo dobrou-se e o de fato de ganga aproveitou a ocasião para desferir meia dúzia de murros no seu antagonista. Quando se desligou do rival, sangrava do nariz; estava lívido de cólera e os lábios tremiam-lhe como se estivesse com maleitas. Estavam muito próximo um do outro: o de fato de ganga com o ar provocador dum galo vitorioso; o alto no jeito de quem reúne energias.

— Malandro!

A palavra salu da bôca do sujeito de fato coçado como pedra disparada por figa e, sem sequer dar tempo ao mais novo de perceber que nela ia a indignação dum homem humilhado, mandou-lhe um sóco tremendo que o outro recebeu no queixo. O seu corpo atarracado recuou desordenadamente até à parede fronteira e aí caiu pesadamente. Levou a mão

à cara, sacudiu a cabeça, ergueu-se a custo e avançou para o agressor. A mão fechada, partiu para atingir o adversário, mas o outro evitou a pancada e ia a socar de novo, quando o de fato de ganga, havendo-se desequilibrado, ajoelhou na calçada. Como parecia sem forças, o alto ergueu-o; ambos, exaustos, se arrastaram até ao muro e aí ficaram silenciosos, a cismar.

E — coisa estranha — cada um verificava por si próprio que os invadia calma extraordinária, como se a pancada os houvesse aliviado de pesado fardo e de preocupações terríveis. «É curioso como lutar com um homem recompõe os nervos» — pensava o mais alto. «Estes sócos fizeram-me bem» — verificava o de fato de ganga.

O alto, por fim, voltou-se e os seus olhos fitaram a cidade, agora a envolver-se em neblina que subia do vale para os pontos altos.

— Como é linda a minha cidade! Como eu a amo!

O de fato de ganga fixou-o apervalhadamente; compreendia que aquêle maduro estava ali por causa daquilo — e, por seu turno, olhava o espectáculo surpreendente do nevoeiro a envolver o casario, as ruas e as luzes. Soltou uma gargalhada e afastou-se para começar a descer a ladeira. Como levasse um minuto a vencer o declive ainda pôde soltar outra gargalhada. Esta atrau a atenção da mulher que o esperava. Apareceu em baixo, à frente da casita pequena. Era mais alta do que êle, mas como êle a via de cima parecia uma criança apanhada em acto de bisbilhotice.

— Já estava inquieta — e ao mesmo tempo, apertava-lhe a cabeça e beijava-lhe com sofreguidão a bôca.

— Imagina tu... — e a contar-lhe o sucedido sumiram-se ambos na casita, na qual luz frouxa deixava ver a mesa pequena posta para o jantar.

Em cima, ligeiramente afastado do muro, olhando ainda a cidade, já completamente possuída pela neblina — as luzes pareciam oscilar por detrás de nuvens de incenso — o sujeito alto murmurava:

— Como eu a amo!... Como eu a amo!



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25841